NÚMERO 78 | 15 DE MAIO A 15 DE JUNHO DE 2009 | 1 €

NOVAS DA GALIZA

PERIÓDICO GALEGO DE INFORMAÇOM CRÍTICA

"As reunions com as Academias portuguesa e brasileira produzírom-se em pé de igualdade, apesar da situaçom da Galiza"

António Gil Hernández, da *Academia Galega da Língua Portuguesa*

| PÁGINA 7 |

O sector do leite avança numha luita decisiva luita pola sobrevivência

A vinte anos da última grande tractorada, este método de protesto volta a pôr-se de actualidade. Nos anos 80, a Política Agrária Comum que impunha um sistema de quotas de produçom aos nossos ganadeiros, provocou esta medida de pressom. Na actualidade, o sector leiteiro encontra-se novamente numha situaçom limite, ao se agravarem uns problemas nos quais há muito tempo que está mergulhado: duas décadas de reconversom, quatro anos de constantes incertezas polos preços do leite em origem e os custos dos factores de produçom, um ano de intensa crise interna e vários meses em que todo o anterior se está a juntar com um contexto de crise global da economia galega. Este último factor está a condicionar que os problemas do sector leiteiro excedam claramente e pola primeira vez o ámbito dos produtores para se converter numha problemática também laboral, provocando a perda de empregos que arrasta o encerramento de empresas como Leche Pascual, somado-se isto aos prejuízos causados a muitos ganadeiros aos quais nom é recolhido o leite. NOVAS DA GALIZA aprofunda no contexto de crise de um dos nossos motores produtivos mais emblemáticos, perseguido por umhas políticas que pioram o que parecia impiorável. Um exemplo, a desapariçom do sistema de quotas previsto para 2015, acompanhado de umha liberalizaçom do mercado que poderá tornar ridículo o preço do leite, indica, como se afirma no Sindicato Labrego Galego, que ainda temos "muito que perder". / Pág. 14

Volta o debate polo direito ao aborto com a nova lei estatal que o despenaliza

Ameaças de Feijóo provocam a maior mobilizaçom polo galego, com dezenas de milhares de pessoas

No mesmo dia 17, o reintegracionismo juntou perto de 1.000 pessoas na praça do Toural / Pág. 4

Os efeitos da crise fam temer às autoridades convulsons sociais ainda adormecidas polos sindicatos maioritários

A CONSCIÊNCIA DA GRAVIDADE DA SITUAÇOM TOMA CORPO EM CADA VEZ MAIS SECTORES

As conseqüências da crise vam-se notando mais numha Galiza a que chegou com atraso mas por onde passará, como costuma acontecer, com mais virulência. Contodo, a contundência dos números nom acaba de revolucionar umha sociedade amedrontada. A própria maré de dados pode estar a alimentar a passividade, maquilhada de espera responsável polas forças sindicais maioritárias. O independentismo, como em geral a esquerda europeia, também estám a tentar desentranhar a crise, mas qualquer orientaçom de qualidade passa por um eficaz labor de peneirado que ainda nom desatou dinámicas de alcance. Ainda que a crise seja basicamente financeira e atinja duramente a construçom, um estudo recente assinala que os directivos da banca tenhem um salário médio que sempre ultrapassa os 80.000 euros, e os das promotoras imobiliárias, os 100.000. A cultura do excesso e da desvergonha instalou-se num mundo onde a maior parte do dinheiro é falso. Fugindo de profecias, no nosso país a consciência da gravidade toma corpo em camadas mui diversas, mas a maioria da populaçom ainda a desconsidera ou a despreza por ficar amarrada à roda das inércias. Quando o futuro que se alvisca ou se intui está tam longe da experiência comum nom se pode compreender plenamente a informaçom disponível, e cai-se num bloqueio mental colectivo. / Pág. 12

E AINDA...

Fortes cargas policiais na greve do metal

VOTO NACIONALISTA DIVIDIRÁ-SE entre o BNG e Iniciativa Internacionalista nas eleiçons europeias

GALIZA NOM SE VENDE volta à rua para denunciar "o falso progresso" que maltrata o litoral

GENTALHA DO PICHEL junta em tempo recorde 10.000 euros para "calar a boca a Conde Roa"

Opinions de: *Marta Rodríguez Álvarez, Bruno Ruival, Carlos Santiago e Nuno Gomes*

Navegar contra o vento

BRUNO RUIVAL

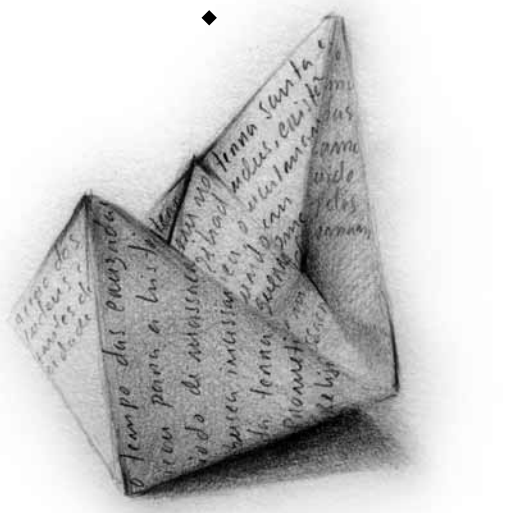
◆

"É PRECISO REPENSARMOS QUEM ESTÁ NO NOSSO BARCO, PARA ONDE QUEREMOS NAVEGAR E QUAL É O NOSSO DISCURSO. CHAMANDO AS COUSAS PELO SEU NOME, NÃO TEMOS NADA A TEMER"

◆

E seendo nos pela costa obra de x legoas domde nos leuamtamos acharam os ditos nauios pequenos huu" aReçife com huu" porto dentro muito boõ e muito seguro com huã muy larga entrada e meteramse dentro e amaynaram.

Pero Vaz de Caminha,
Carta a el-rei D. Manuel
sobre o achamento do Brasil,
1º de Maio de 1500



As mareações são as formas como as embarcações navegam em relação ao vento. Existem três tipos essenciais: à popa, quando o barco navega praticamente na mesma direção que o vento; ao largo, quando as direções forem perpendiculares; e à bolina em ângulo de 45º, aproximadamente, contra a direção do vento.

No mar, não é possível dirigirmos o rumo exatamente contra a direção do vento, porque as velas funcionam como um motor e o vento como o seu combustível. Se o tentássemos, as velas ficariam a bater como uma bandeira e não nos moveríamos do sítio. Para chegarmos a um destino situado na direção oposta ao vento é utilizada a técnica da navegação à bolina, consistente em percursos de 45º com respeito ao vento, zigueza-gueando com viragens de 90º.

Poderíamos dividir os chamados movimentos de defesa da língua em dous grupos: os que utilizam o modelo e discurso de língua que forneceu o vento e os que se enfrentam à sua força com discursos diferentes. Os isolacionistas, navegam ao largo, ou mesmo com o vento à popa, isto é, sem avançar ou retrocedendo do terreno dos direitos das pessoas que somos discriminadas por razões de língua, como podemos constatar nas últimas décadas. Utilizam um instrumento criado pelo vento que não permite vencer a sua força, o mar é sábio.

O vento é inimigo da nossa viagem, exercendo uma re-pressão sobre nós que nos impede avançar porque os nossos destinos são opostos. Porém, se colocarmos corretamente as nossas velas e o nosso leme, a pressão por ele exercida serve-nos de carburante para eludi-lo. O patilhão, uma prancha vertical submersa no fundo do casco, é a base desta física impedindo que o barco seja tombado pela força do vento.

Os reintegracionistas por vezes contagiam desse discurso predominante, umas vezes pela inércia histórica, outras por vontade de fechar filas no galeguismo contra as tempestades e, ainda, porque no fundo alguns mudaram o casco da embarcação mas não o patilhão, os fundamentos que nos fazem não abater. Noutras ocasiões, enfrentam-se à força do vento frontalmente, ficando as velas a bater e sem possibilidade de avançar, à deriva. Desafiarmos a força do vento no seu terreno, por vezes, pode ser útil para que perceba ele e o mundo que estamos aqui dispostos a tudo, mas deveremos reconhecer que o ataque frontal à repressão do vento como estratégia única, só vai provocar que recebamos a sua mensagem: ou renunciamos a chegar ao nosso destino ou somos destruídos.

Por outro lado, os reintegracionistas também utilizam por vezes a navegação à bolina, avançando na direção pretendida com ziguezagues. Esta parece ser, hoje, a única estratégia para abandonar a marginalidade a que nos submete o vento, vencendo a sua força centrífuga que afasta do centro a quem navegar ao largo ou à popa. A bolina permite tomarmos nós o leme do nosso destino e avançar. Se o patilhão estiver bem seguro, se a base do nosso discurso for firme, clara e honesta, não tombará o nosso barco, levemente escorará mantendo a sua estabilidade, e poderá ser diferenciado do discurso e modelo de língua daqueles que viajam ao largo ou à popa. A nossa bolina permite fazermos pequenos trajetos com o barlavento a estibordo, quer dizer, a nossa língua como base identitária, e a bombordo, a nossa língua como internacional e útil para a sociedade.

É preciso repensarmos quem está no nosso barco, para onde queremos navegar e qual é o nosso discurso. Chamando as cousas pelo seu nome, não temos nada a temer. Por isso, devemos revisar a terminologia utilizada por nós: *língua galega, normalização linguística, direitos linguísticos, defesa da língua, galeguismo*, etc. que por vezes não chega para diferenciar a nossa técnica de navegação, o nosso modo de vida e o nosso destino. Os marginados pelo vento são outros, que estão à sua mercê, na periferia do projeto extraterrestre, pois nós temos a vantagem que, ao dobrarmos o cabo das tormentas, nos achamos com o vento a favor situando-nos no centro do nosso projeto, na calma do porto seguro.

Há quem diga que ao mar não há que ter-lhe medo, mas respeito. Respeitemos, pois, a força do vento, mas sem medos.

O PELOURINHO DO NOVAS

Se tens algumha crítica a fazer, algum facto a denunciar, ou desejas transmitir-nos algumha inquietaçom ou mesmo algumha opiniom sobre qualquer artigo aparecido no NGZ, este é o teu lugar. As cartas enviadas deverám ser originais e nom poderám exceder as 30 linhas digitadas a computador. É imprescindível que os textos estejam assinados. Em caso contrário, NOVAS DA GALIZA reserva-se o direito de publicar estas colaboraçons, como também de resumi-las ou estractá-las quando se considerar oportuno. Também poderám ser descartadas aquelas cartas que ostentarem algum género de desrespeito pessoal ou promoverem condutas antisociais intoleráveis.
Endereço: **pelourinho@novasgz.com**

DESACTIVAR A CONTROVÉRSIA

Como vem acontecendo nos últimos anos, o movimento normalizador que se move à margem d'A Mesa nom foi capaz de chegar a um consenso de mínimos para se visibilizar de forma unitária na manifestaçom do pasado dia 17.

A meu ver, o reintegracionismo está acertado nos critérios filológicos, também no sentido cultural de integraçom na Lusofonia. Mas, quando existe um analfabetismo funcional a respeito do idioma e muitos nacionalistas conseqüentes som isolacionistas, certos aspectos devemos matizá-los. De um ponto de vista sócio-lingüístico e político devemos desactivar a controvérsia normativista e alicerçar o movimento normalizador sobre a base do monolingüismo social.

Nestes anos de bipartido, isolacionistas e reintegracionistas encontramo-nos na rua em defesa da nossa língua. Isto é o que verdadeiramente nos separa d'A Mesa: um movimento normalizador que se move à margem dos intereses do BNG. Para o ano, o soberanismo deve visibilizar a sua proposta sob estes critérios: monolingüismo social e firme defesa na rua.

Luis Vilar

CARLOS CALLÓN E A REPRESSOM

As declaraçons do presidente da MNL a El Correo Gallego em 19 de Maio passarám por mérito próprio à história das práticas infames de dirigentes sociais nacionalistas. O rosto público da Mesa, em declaraçons próprias de um hooligan da FAES, dizia das associaçons que empregárom a pintura laranja como estratégia de denúncia da espanholizaçom a 17-M que som "quatro vándalos" contra os quais a lei deveria agir "com toda a contundência". Já lançado, o de Ribeira postula-se a confidente advertindo que "se soubéssemos isso (refere-se aos pintores) seríamos os primeiros a apresentar denúncia perante os Tribunais" e rematava a lida recordando que "somos os primeiros a pedir a actuaçom da legislaçom e das forças da ordem (sic)". Conde Roa, esse que quer encerrar o Pichel, nom o faria melhor. Chapeau, Callón!

A tralha que cai no movimento normalizador fai aginha obsoletas as petiçons do boss da MNL. Pode descansar tranquilo, pois já há quem se ocupe "com contundência". Somos capazes de compreender que, às vezes, receber subsídios oficiais e obter um salário tem preço em dignidade, assim que, como dizem os espanhóis, "no le pediremos peras al olmo Callón". O motivo do comentário é mais pragmático: destacar a necessidade de que, dentro do movimento galeguista, por cima de siglas, estratégias e matizes, comecemos a rejeitar frontalmente os que, incapazes de diferenciar o Nós do Eles, reclamam detenções, violência e "todo o peso da lei" para compatriotas. Um movimento nacionalista nom pode acolher no seu seio quem tenha aspiraçons frustradas de madero ou venda a sua dignidade por um prato de lentelhas.

Ana Maria Liste Garcia,
Manifestante com a Mesa no dia 17 de Maio

Caravanas na Palestina

— MARTA RODRÍGUEZ ÁLVAREZ —

◆

"AO MESMO TEMPO QUE OS PALHASSOS EM REBELDIA TOMAVAM RUMO À GALIZA, UMHA CARAVANA CARREGADA COM REZOS DE REPRESSOM, JUSTIFICAÇOM DO HORROR E ANOS DE INTRANSIGÊNCIA CHEGAVA À PALESTINA"

◆

Nestes dias de Maio, duas caravanas cruzárom a Palestina. Duas mais. Porque todos os dias é atravessada pola caravana da morte, que conforma a ringleira dos carros de combate do Exército Israelita.

A caravana dos Palhassos em Rebeldia retirava-se da Palestina com um carregamento de solidariedade e sorrisos, ainda que com a ferida profunda de sentir em primeira pessoa a impotência de quem nom pode fazer mais do que fornecer abraços e conseguir, talvez durante umhas horas, esquecer o horror e devolver a esperança no ser humano.

Ao mesmo tempo que os Palhassos em Rebeldia tomavam rumo à Galiza, umha caravana carregada com rezos de repressom, justificaçom do horror e anos de intransigência chegava à Palestina.

A caravana de Bento XVI chegava aos territórios ocupados protegidos polo manto de Terra Santa reconhecendo Israel como estado democrático.Um estado democrático que está a exterminar um povo perante o olhar imune de muitos e cúmplice de muitos outros.

Iván Prado e Isaac Rodriguez Miranda contárom-me o que vírom. Crónica a crónica fum sabendo o que viam os seus olhos e escuitavam os seus ouvidos. Palhassos em Rebeldia oferecêrom o que tenhem: eles mesmos. É certo que com a rebeldia destes clowns nom se vai conseguir que Israel abandone o genocídio, nem que os Estados Unidos e a Uniom Europeia deixe de verder-lhes armas. Nom. É claro que nom. Mas a rebeldia destes palhassos ajudanos a encontrarmo-nos com a realidade. Junto às gentes da Escola de Circo Palestiniano, o exército galego da brincadeira levou, mais umha vez, fraternidade humana através do riso. Mas também com outro objetivo igualmente importante: dar apoio ao povo palestiniano e denunciar a contínua e reiterada opressom a que é submetido.

De Bento XVI só ouvi a justificaçom indecente de um estado que assassina e encurrala as famílias. Também é certo, e há que dizê-lo por justeza, que a dissidência israelita também existe e que polo menos nos devolve, por um segundo, a esperança na humanidade. "Se um país fala como fascista, caminha como fascista e actua como fascista, é um país fascista. Estamo-nos a comportar assim. Muitas cousas recordam-me a Alemanha de 1933". Pudem ler a Meir Margalit.

Muitas vezes tenho-me perguntado que fazia a cidadania na Europa dos anos 30 enquanto milhons de pessoas eram aniquiladas, humilhadas, espoliadas e assassinadas.

Seguramente o mesmo que todas e todos nós: olhar para outro lado para nom ver o maior cárcere do mundo construído para fechar nele um povo inteiro e condená-lo à desesperaçom.

Dixo o Papa perante o muro da vergonha, que mede oito metros e encerra dentro dele 5.000 pessoas, que os "muros podem ser derrubados". De acordo. Mas muito melhor é nom construí-los. Só o facto de pensar em construir um muro para fechar dentro dele as pessoas é fascista. Construí-lo é fascista e genocida. Permiti-lo e justificá-lo é como rezar sobre os cadáveres dos mortos que de modo cúmplice, ajudárom a matar.

É certo. Os clowns galegos nom conseguiram a libertaçom da Palestina. Mas ajudárom-nos a nom olhar para outro lado e converter-nos em cúmplices de um novo holocausto.

Marta Rodríguez Álvarez
é jornalista

NOVAS DA GALIZA

EDITORA
MINHO MEDIA S.L.

DIRECTOR
Carlos Barros G.

CONSELHO DE REDAÇOM
Alonso Vidal, Antom Santos, Iván Garcia, Sole Rei, Helena Irímia, Eduardo S. Maragoto

DESENHO GRÁFICO E MAQUETAÇOM
Miguel Garcia, Carlos Barros, Manuel Pintor

IMAGEM CORPORATIVA
Miguel Garcia

FECHO DA EDIÇOM: 22/05/09

INTERNACIONAL
Duarte Ferrín

COLABORAÇONS
Zélia Garcia, José E. Vicente, Maria Álvares, Vera-Cruz Montoto, Xabier Xil, Xiana Árias, **Opiniom**. Gustavo Luca, Maurício Castro, X. C. Ánsia, Santiago Alba, Daniel Salgado, Kiko Neves, J.R. Pichel, Carlos Taibo, Celso Á. Cáccamo, Jorge Paços, Adela Figueroa, Joám Peres, Pedro Alonso, Luís G. 'Foz', Alberte Pagán, Concha Rousia, Xurxo Martínez, Alexandre Banhos, Raul Asegurado, Miguel Penas. **Cronologia.** Iván Cuevas. **Música**. Jacobe Pintor. **Galiza Natural**. João Aveledo. **Sexualidade**. Beatriz Santos. **Língua Nacional**. Valentim Fagim. **Desportos**. Anxo Rua Nova, Xavier S. Paços. **Cinema**. Francesco Traficante

FOTOGRAFIA
Arquivo NGZ
Natália Gonçalves
Galiza Independente (GZI)
Xavier Sampil

ADMINISTRAÇOM
Irene Cancelas Sánchez

HUMOR GRÁFICO
Suso Sanmartin, Pepe Carreiro, Pestinho+1, Xosé Lois Hermo, Gonzalo Vilas

CORREÇOM LINGÜÍSTICA
Eduardo Sanches Maragoto
Fernando Vázquez Corredoira
Vanessa Vila Verde
Mário Herrero

D. LEGAL: C-1250-02 / As opinions expressas nos artigos nom representam necessariamente a posiçom do periódico. Os artigos som de livre reproduçom respeitando a ortografia e citando procedência.

DIGNIDADE GALEGA

A mobilizaçom do passado Dia das Letras já fai parte, por méritos próprios, da história da luita pola dignidade galega. Nom só por acadar umha magnitude sem precedentes em décadas de combate polo idioma; também por demonstrar que, longe das injecçons desinformativas dos ultras mediáticos e políticos, há camadas mui amplas da populaçom que pensam com lucidez, nom se deixam enganar, e tampouco perdem a capacidade de ofender-se.

Segundo se di, a resistência contra a opressom nom esmorece quando um povo vive enganado; antes disso, desaparece quando se conhecem as penúrias existentes, mas reina umha insensibilidade tal que a gente se compraz numha passividade mórbida. Algo assim acontece nas sociedades opulentas da Europa, que já sabem conhecer múltiplos abusos sem se sentirem com obrigaçom de luitar. Se algo se demonstrou no passado 17 de maio, foi que a comunidade nacional galega sente as agressons, nom tolera aldragens, e consegue que esta fúria produza esperança e projectos colectivos.

A força galega está sobradamente demonstrada. Agora veremos se dominam a criatividade e a audácia dos movimentos ou, mais umha vez, este capital é dilapidado polos profissionais da política e os peritos da gestom.

MARTIRENA

NOTÍCIAS

A Praça da Quintana estivo cheia quando ainda nom saira da Alameda toda a manifestaçom / Fotografia: Pilar Ponte

Ameaças de políticas espanholizadoras provocam a maior mobilizaçom da história em defesa da língua

REDACÇOM / Compostela acolheu este 17 de Maio a maior mobilizaçom que se recorda no País em defesa da língua. Para além das habituais guerras quanto ao número de participantes – que a polícia calculava em 20.000 pessoas e a Mesa pola Normalizaçom Lingüística em 50.000 –, o sentir da gente coincidia em compará-la com a grande marcha de Nunca Mais em 2002. Convocada pola Mesa e por dous blocos críticos (um sob a palavra de ordem "Monolingüismo Sempre", e outro que aglutinava o movimento reintegracionista e a grande maioria dos centros sociais do País após a faixa de "Galego Sempre Mais") a marcha colapsou os acessos por autoestrada e as ruas da cidade de Compostela durante mais de três horas. A praça da Quintá, onde finalizava a mobilizaçom da Mesa, foi enchida por duas vezes, de maneira que quando a cabeça da marcha chegou à praça, na Alameda havia muitas pessoas que ainda nom começaram o percurso. Por sua parte, a praça do Toural, onde desembocava a marcha da plataforma Galego Sempre Mais (GSM), também se encheu completamente. À mesma hora, no concelho de Láncara, Ramom Pinheiro era homenageado por Núñez Feijóo e X. R. Barreiro, presidente da RAG, que declarou que "o novo governo do Partido Popular na Junta da Galiza vai marcar, simplesmente, um fito na defesa do idioma".

Os blocos alternativos à Mesa criticárom mais as formas do que o conteúdo da mobilizaçom, assim como, segundo eles, a sua política de apropriaçom dos movimentos sociais populares. O manifesto de GSM indicava que "se este 17 de Maio nom há convocatória unitária é porque a Mesa pola Normalizaçom Lingüística optou por prescindir do resto de organizaçons." Esta aparente divisom de sectores finalizou conjugando-se na filosofia de "juntos mas nom misturados" e o protesto conseguiu simbolizar umha contundente e unitária rejeiçom às política espanholizadoras que o novo presidente da Junta, Núñez Feijóo, vem anunciando desde há tempo.

24 pessoas com processos penais abertos polas últimas mobilizaçons

Durante a marcha convivêrom ambientes festivos com outros mais combativos que, na parte traseira da mobilizaçom, deitárom pintura de cor laranja para as montras de vários negócios significativos polas suas políticas laborais hostis à língua galega, como diversas sedes de bancos ou lojas de roupa. O custo dos danos produzidos, segundo dados do El Correo Gallego, ascendiam até os 5.000 euros em lojas como a de Antonio Pernas. O presidente da Mesa, Carlos Callón, declarou referindo-se a estas acçons que "se soubéssemos isso, seríamos os primeiros a apresentar denúncia nos Tribunais", acrescentando que "somos os primeiros a pedir a actuaçom da legislaçom e das forças da ordem. Lamentavelmente no domingo, estes [pola polícia] tampouco estavam mui presentes".

No domingo estava também presente a organizaçom antirrepressiva Ceivar, com duas faixas na Praça da Galiza, para lembrar que nestes momentos há "24 pessoas com processos penais abertos, que se podem substanciar finalmente em ingressos em prisom e a abertura de 32 expedientes administrativos que somam sançons económicas por valor de 27.000 euros" como conseqüência das mobilizaçons em defesa da língua dos últimos meses.

Na marcha havia também faixas em solidariedade com o professor de matemática Brais, militante da CNT, que foi sancionado laboralmente por defender o uso do galego nas aulas do liceu IES Manuel Murguia de Arteijo, que na manhá do Dia das Letras apareceu com um mural de 20 metros solidarizando-se com ele e reclamando aulas em galego.

Greve no ensino médio no dia 14 de Maio

Três dias antes, a Mocidade pola Língua – organizaçom criada em resposta à manifestaçom de Galicia Bilingüe em Compostela – convocou umha greve no ensino médio em defesa do galego com a palavra de ordem "Na Galiza imos estudar em galego". A assistência às aulas foi bastante desigual dependendo do centro. Mas a participaçom nas manifestaçons convocadas em Compostela, Ordes, Vila Garcia, Ourense e Vigo, ascendeu às 800 pessoas - segundo dados de Europa Press- que, contodo, apenas tivérom repercussom mediática nos médios comunitários, embora a marcha de Compostela fosse gravada pola televisom autonómica e até houvesse várias pessoas entrevistadas.

As convocatórias mais numerosas fôrom as de Compostela e Vigo, que andárom polas 150 pessoas cada umha. Na capital, a marcha transcorreu em todo o momento com um ánimo combativo e festivo, e finalizou com a ocupaçom simbólica durante vários minutos dos gabinetes de Política Lingüística. Em Vigo, os únicos altercados fôrom protagonizados pola polícia espanhola que, durante a leitura do manifesto, procedeu à identificaçom arbitrária de várias pessoas, que teriam sido advertidas de que receberiam sançons económicas: "assim –explicavam em Ceivar–, os agentes espanhóis transmitiam mais umha vez a tradicional combinatória entre violência simbólica, repressom económica e criaçom de conflitos no ámbito familiar de jovens activistas."

Movimentos sociais reivindicam um dia das letras popular

Palestras, projecçons, colóquios e concertos ao redor da língua fôrom a nota dominante na maioria dos centros sociais durante este mês de Maio. O L.S.O. Casa da Atochas na Corunha, o C.S. Aguilhoar de Ginzo de Límia e o C.S. Aturujo em Boiro, realizárom "Jornadas da Língua", enquanto a A.C. Almuinha de Marim, e a Revira de Ponte Vedra, organizárom Festas da Língua com concertos ao vivo. Em destaque, o C.S. Mádia Leva! de Lugo, que preparou um completo "Mês da Língua".

Os centros sociais da comarca de Compostela – a Fouce de Ouro, a Casa Encantada, o Henriqueta Outeiro e a Gentalha do Pichel – organizárom conjuntamente as actividades de maior referencialidade a nível nacional. A já tradicional Festa do Dezassete quadrou desta vez no sábado dia 16, e realizou-se na Alameda compostelana, protegida do mau tempo por um toldo. A jornada reivindicativa começou de manhá, com umha concentraçom no Toural às 12 horas com o slogan "A RAG é umha fraude. Por um dia das letras popular", para exprimir o descontentamento perante a homenagem que a RAG deu ao polémico Ramom Pinheiro descartando a iniciativa popular de dedicar o ano a Carvalho Calero. O acto foi encerrado com um discurso crítico do académico da AGLP Isaac Alonso Estraviz com o autor de Láncara. À tarde, antes dos concertos, houvo tempo para danças populares, jogos tradicionais e um passa-ruas.

O movimento associativo dos desportos tradicionais também comemorou especialmente a data. A Liga Nacional de Bilharda organizou os "Abertos das Letras", que divulgárom a recuperaçom do desporto tradicional galego por excelência em Compostela, Corunha, Marim, Moanha e Vigo.

Denunciam cargas indiscriminadas e mesmo disparos contra as habitaçons na greve do metal

REDACÇOM / A greve do sector do metal da província de Ponte Vedra, cujo epicentro voltou a ser Vigo, tivo na violência policial a grande protagonista. A partir de vários testemunhos gráficos e audiovisuais fornecidos pola Confederaçom Intersindical Galega (CIG) -- um dos sindicatos convocantes- - pode-se comprovar a arbitrariedade da actuaçom dos polícias, que nom diferenciam entre manifestantes pacíficos e algum exaltado, nem estes últimos de peons ou apenas pessoas que passavam polo lugar.

Num dos documentos disponíveis na web da CIG (*http://galizacig.com*) falam algumhas das vizinhas e vizinhos afectados pola indiscriminada actuaçom policial, como o caso de umha mulher que estava diante da sua casa brincando com o filho pequeno, quando de repente «vinhérom correndo os manifestantes, e três polícias disparando-me da esquina do muro e eu com o meninho no colo e as bolas por aqui passando [assinala ao lado da cabeça]. E depois berrárom-me: "meta-se para dentro" [da casa], mas primeiro disparárom».

O mesmo documento também evidencia a vontade dos corpos policiais de impedirem o trabalho informativo do operador de cámara que gravou essas imagens e entrevistas, sendo possível comprovar como num momento concreto um agente dá ordem de disparar. A seguir, vê-se como umha bola de borracha está a piques de impactar no operador de cámara que grava as imagens, quem em seguida corre para recolher o projéctil.

Manipulaçom informativa

Partindo de episódios como esse, o secretário nacional de Negociaçom Colectiva da CIG, Antolín Alcántara, denunciou que os meios de comunicaçom só difundissem a versom 'oficial' dos acontecimentos, a fornecida pola polícia, que apresentou as trabalhadoras e trabalhadores do metal como provocadores e os polícias como vítimas.

Em alocuçons às trabalhadoras e trabalhadores, que secundárom a greve na sua totalidade, Alcántara criticou a atitude do patronato do sector. Segundo ele, os empresários «quigérom fazer um acto de força para se confrontarem connosco», mas a greve respondeulhes que isso nom seria possível, sendo que o conflito «vai-se traçar aqui em termos de derrota ou de vitória».

O responsável pola Negociaçom Colectiva do sindicato nacionalista também se perguntou porque os empresários nunca acabam no cárcere apesar da sua interpretaçom da lei e dos convénios colectivos, ou apesar de como pagam as horas extraordinárias ou cuidam da saúde laboral. «Se a Polícia tem rigor e vontade de intervir, que aja contra eles», exortou Alcántara, ao tempo que denunciou que «nom o vam fazer porque eles som os que tenhem a chave da cadeia, e os senhores empresários podem mandar nisso e nos meios de comunicaçom, que também som empresas».

Persiste a poluiçom no rio Eume um ano depois da mortandade de peixes

REDACÇOM / Um ano depois da matança maciça de peixes no Eume, persiste a poluiçom no rio. A crise ambiental evidenciou-se em Julho de 2008, no início da captaçom de água para rechear a mina de Endesa nas Pontes, quando foi projectado converter a bacia da mina numha lagoa artificial.

Na altura, a acidificaçom dos afluentes Chamoselo e Lavadoiro provocou as primeiras mortandades. Actualmente, o Chamoselo, afluente do Eume, há vários meses que arrasta grandes quantidades de metais pesados e as suas águas exibem um pH mui ácido, o que piora a situaçom da bacia do Eume.

Da Federaçom Galega de Pesca denunciam a passividade das administraçons para adoptarem medidas, motivo polo qual organizárom umha jornadas para finais de Maio em Compostela. Ali contarám com a geóloga basca Virginia Ormaetxea, quem procurará oferecer possíveis soluçons.

Por sua vez, organizaçons ambientalistas como Adega há muito tempo que estám a denunciar a situaçom, e mesmo advertem que a crise ambiental no Eume poderia repetir-se na bacia do Ladra e em todos os rios situados nas obras da autovia do Cantábrico, já que as tarefas de selado dos taludes e de contençom das escorrências fornecem umha alta acidez e metais pesados às águas.

Galiza nom se Vende volta à rua para denunciar o "progresso" que maltrata o litoral

REDACÇOM / Perto de setenta colectivos convocam a manifestaçom que a plataforma Galiza nom se Vende (GNSV) está a organizar para o dia 31 de Maio em Vigo. Este seria o segundo ano em que se realiza esta manifestaçom de carácter nacional na cidade olívica. Com a palabra de ordem 'Este Modelo tem alternativa: defendamos o litoral', a manifestaçom partirá da praça do Concelho às 12h00, e precede um roteiro contra a Reganosa que se realizará na sexta-feira seguinte por Ferrol. No comunicado tornado público por ocasiom da mobilizaçom, GNSV responsabiliza especialmente a classe política da desfeita ambiental que está a sofrer a costa galega: "Todos os governos que passam pola Junta seguem umha política 'desenvolvimentista' de exploraçom dos nossos recursos naturais para os reduzir a mera condiçom mercantil. Os custos deste desenvolvimento económico som a destruiçom da natureza." Após umha longa enumeraçom de agressons que está a sofrer o litoral galego, o comunicado afirma que nom "devemos basear o bem-estar na exploraçom das pessoas nem da terra que habitamos, porque se assim fosse estaríamos a percorrer o caminho do suicídio colectivo", e conclui que é necessário "pôr freio a esta locomotora desbocada, a este falso progresso, que esta a avançar queimando os seus próprios vagons numha louca corrida para nengures".

CRONOLOGIA

◆ 10.04.2009

Aparece em Barranhám (Arteijo) um cadáver com roupa de trabalho que poderia ser o do operário português desaparecido no mês anterior.

◆ 11.04.2009

Confraria de Pescadores da Corunha denuncia novo despejo de águas fecais à ria da Passagem.

◆ 12.04.2009

222 militares da Brilat partem para o Líbano.

◆ 13.04.2009

Imputam 3 guardas civis por detençom ilegal no caso de Diego Viña.

◆ 14.04.2009

Antonio Fontenla, presidente da Confederaçom de Empresários da Galiza, pede que a proibiçom de construir na costa se realize "por treitos" e considera que Núñez-Feijoo "tem melhor critério" neste tema.

◆ 15.04.2009

Morre numha explosom Félix Martínez Martínez, proprietário da pirotécnica A Rosaleira, do Rosal.

◆ 16.04.2009

Técnicos da Deputaçom de Lugo encontram animais mortos e desnutridos na fundaçom que acolhe o Centro Superior Cinegético e Piscícola da Galiza, em Monforte, promovida por Francisco Cacharro Pardo.

◆ 17.04.2009

Manuel Jove anuncia 237 despedimentos em Caramelo, o que significa 30% do pessoal.

◆ 18.04.2009

Alberto Núñez-Feijoo toma possessom como presidente da Junta da Galiza.

◆ 19.04.2009

Mais de 200 mariscadoras manifestam-se em Rianjo contra os "abusos" e "incumprimentos" da confraria.

◆ 20.04.2009

Fiscalia pede 22 meses de cárcere e oito mil euros para cada um dos três acusados de danar a estátua de Millán Astray na Corunha em 2005.

◆ 21.04.2009

No dia depois de serem anulados os realojamentos, aparece em Caritel um meco ameaçante representando uma cigana com alfinetes cravados.

◆ 22.04.2009

Tribunal Supremo confirma que os depósitos de fuel de Vila Garcia autorizados a Finsa e Foresa polo governo Fraga som ilegais.

◆ 23.04.2009

Um homem falece depois de ficar preso debaixo do seu tractor em Touro.

◆ 24.04.2009

Manuel "Pachi" Vázquez, eleito secretário geral do PSdG com 90,55% dos votos.

◆ 25.04.2009

Alfonso Rueda pede a Manuel Vázquez que cumpra a promessa de nom governar com o BNG e rompa os pactos municipais com esta formaçom.

◆ 26.04.2009

Valedor do Povo investiga as ajudas ao aluguer de habitaçons após receber numerosas queixas da Galiza.

◆ 27.04.2009

Começa a greve dos trabalhadores da limpeza na província de Ponte Vedra, em denúncia do incumprimento do convénio, que durará até o dia 30.

◆ 28.04.2009

Associaçom de trabalhadoras domésticas Xiara denuncia que 75% das empregadas domésticas galegas trabalham de forma submersa.

◆ 29.04.2009

Mais de mil trabalhadores do sector do metal colapsam por surpresa o centro de Vigo para reclamar o desbloqueamento das negociaçons do convénio colectivo.

Independentistas galegos integram-se na candidatura Iniciativa Internacionalista

Ana Miranda encabeça a aposta do BNG em aliança com ERC e Aralar

REDACÇOM / A candidatura encabeçada por Alfonso Sastre e Doris Benegas, Iniciativa Internacionalista – A Solidariedade entre os Povos, poderá concorrer finalmente às eleiçons europeias depois de que o Tribunal Constitucional aceitasse o recurso apresentado polos seus promotores. Na lista figuram os galegos X.L. Méndez Ferrín, Xan Carballo, Ricardo Castro, Encarnación Martínez, Manuel Besteiro e César Lago, de maneira que representa a única aposta eleitoral do independentismo galego para o Parlamento Europeu.

Após a impugnaçom da candidatura por parte do Tribunal Supremo espanhol sucederam-se numerosas mostras de solidariedade por parte de destacados políticos e intelectuais, como o histórico dirigente do BNG Xosé Manuel Beiras ou o ex-deputado europeu Camilo Nogueira, os escritores Suso de Toro e Manuel Rivas ou a catedrática Margarita Ledo. Manifestárom também o seu apoio à possibilidade de que II-SP concorresse às eleiçons entidades integradas no BNG como o Encontro Irmandinho ou o Movimento Galego para o Socialismo, os sindicatos nacionais CIG e CUT, ou organizaçons independentistas como a FPG, NÓS-UP ou o Movimento pola Base, assim como Nova Esquerda Socialista ou o PCPG.

Iniciativa Internacionalista aposta no seu manifesto público pola justiça social no Estado e opom-se à Europa do capital. Denuncia a existência de umha "armaçom jurídico-política criada na transiçom que converteu o Estado num cárcere de povos e gentes" e aposta nas liberdades democráticas e nos direitos políticos, ao mesmo tempo que apoia os processos soberanistas que se dam a nível europeu e as luitas dos povos "pola sua liberdade e a sua dignidade".

Na quinta-feira 21 realizárom um nutrido acto de denúncia da ilegalizaçom em Vigo com participaçom de membros da lista eleitoral. Ao ser conhecida a decisom do Constitucional que aceitava o recurso, convocavam para sábado dia 23 um encontro na mesma cidade para organizar a campanha no País.

Ana Miranda encabeça candidatura do BNG

Pola sua parte, o BNG situa Ana Miranda como cabeça de cartaz. Esta política já acompanhara o trabalho de Camilo Nogueira durante o tempo em que fora eurodeputado e na passada legislatura representou a frente nacionalista como deputada nom oficial de Galeuscat graças à cessom realizada polo PNB e CiU. Com o slogan "Imos a Europa, vés?", apresentam-se como a "única garantia de que os interesses galegos sejam escuitados e defendidos em Bruxelas" depois da perda de apoios nas passadas eleiçons. No entanto, os inquéritos prevém um único deputado para a candidatura que integra, em aliança com os cataláns de ERC e os bascos de Aralar.

Gentalha do Pichel junta 10.000 euros para "calar a boca a Conde Roa"

REDACÇOM / Os centros sociais compostelanos da Gentalha do Pichel e Henriqueta Outeiro, como também a sala de espectáculos Nasa, continuam a sofrer o assédio do PP da capital, decidido a conseguir o encerramento dos mesmos, que o portavoz popular Conde Roa relaciona com actividades de 'grupos para-terroristas'. Na semana prévia ao 17 de Maio, depois de umha denúncia apresentada polo PP, que deseja aproveitar o facto de os três centros sociais carecerem de licença como pretexto para os fechar, a cámara municipal deu ordem de encerrar cautelarmente a Gentalha do Pichel se este centro nom procedia à subsanaçom de certos aspectos técnicos que lhe impediam obter essa licença (com a qual, por outro lado, nom contam umha grande parte de bares da capital). Um desses aspectos era o acesso para pessoas com mobilidade reduzida, que implicava a compra de um elevador de 10.000 euros. Em menos de três dias, através de um chamamento solidário para angariar o dinheiro, a Gentalha conseguiu pagar o montante total da obra. Esta demonstraçom de força que levou por nome 'Um elevador custa 10.000 euros, calar a boca a Conde Roa nom tem preço', forçará a Cámara a rever a situaçom do centro, que obtendo a licença poderia respirar um pouco mais tranquilo, mesmo se o PP chegasse ao poder nas próximas eleiçons muncicipais.

A campanha de Conde Roa começou depois da manifestaçom de Galicia Bilingüe, em que se produzírom fortes confrontos, e da realizaçom de um concerto da Plataforma que Voltem à Casa na sala Nasa. No entanto, a campanha parece alheia às actividades realizadas por estes colectivos, das quais o PP dá mostras constantes de estar desinformado, e antes parece um modo fácil de fazer oposiçom contra o bipartido PSOE-BNG no ámbito local.

António Gil Hernández

"As Academias lusófonas nom podem entender-se com a RAG. É como se a Real Academia Espanhola se entendesse com umha academia de spanglish"

EDUARDO MARAGOTO / António Gil Hernández é o secretário da Comissão de Lexicologia e Lexicografia da Academia Galega da Língua Portuguesa (AGLP), um projecto de criaçom recente que aglutina os defensores da adopçom, sem demoras nem normas transitórias, do Acordo Ortográfico de 1990, que previsivelmente será implementado polo conjunto dos países lusófonos nos próximos anos. É também um dos principais referentes intelectuais dessa corrente do reintegracionismo, tendo publicado nomeadamente trabalhos de carácter sociolingüístico. Em Abril, a AGLP apresentou à Academia Brasileira de Letras e à Academia das Ciências de Lisboa o "Léxico da Galiza para ser integrado no Vocabulário Ortográfico Comum da Língua Portuguesa", que inclui perto de 700 palavras passíveis de ser incluídas em dicionários portugueses e brasileiros. O trato recebido pola Academia galega por parte das homólogas luso-brasileiras surpreendeu muitas pessoas adversárias, e até partidárias, do movimento reintegracionista, que nom estavam à espera de tamanho reconhecimento a um movimento ainda mui afastado do poder institucional.

Que possibilidades reais existem de estas palavras virem a fazer parte dos principais dicionários portugueses?
Se estás a referir-te aos dicionários de empresas editoras, parece que algumhas empresas estám interessadas... Quanto ao Vocabulário e ao Dicionário 'oficiais', em grande medida fôrom eles a dizer-nos que propugéssemos por volta de 600 palavras galegas.

Qual foi o método seguido para a escolha das palavras galegas propostas. Lendo-as, dá a sensaçom de muitas nom serem de uso geral: dialectalismos e até castelhanismos...
Os critérios fôrom fazer propostas suficientemente estritas como amostra do que poderíamos introduzir à espera de que nos digam ou pactuemos os critérios. Começamos polo Vocabulário (neste som menos as palavras propostas). O Dicionário será diferente: sem tratar-se de um tesouro lexical, tem que dar umha visom da língua extensa e útil. É um instrumento que se dá para quem quiger ler um texto, literário ou de outra ordem, para que poda recorrer a um dicionário caso nom conheça umha palavra. Por isso, na parte do dicionário fomos relativamente generosos. O critério que se usou foi que essas palavras nom existissem no dicionário da Academia das Ciências de Lisboa, embora muitas delas estejam no Houaiss (Brasil) e noutros portugueses, às vezes com referência à sua condiçom regional do Minho.

Chama a atençom que nom esteja a palavra 'reintegracionismo' nem essa acepçom para 'lusismo'.
Nom, em tal caso, no Dicionário, quando chegasse o momento, poderia incluir-se. Isto é umha proposta nom definitiva. Esperamos as observaçons de professores que receberam o texto, que é um rascunho, umha amostra que se apresentou quando foi apresentado o Vocabulário brasileiro.

Em que medida se trata de relaçons entre academias em pé de igualdade?
Participamos em duas sessons. Na primeira, fomos recebidos na mesma sala em que tiveram lugar as discussons sobre o Acordo Ortográfico (1990) em Lisboa. Estávamos 4 académicos galegos e 5 portugueses; depois fomos convidados a um jantar na própria Academia que, ainda que descontraído, seguiu o protocolo correspondente. Quanto à segunda sessom, a solene, na mesa estavam os três presidentes das Academias. À partida, nem nós próprios contávamos com isso, mas foi exigido pola parte portuguesa e brasileira. Em que condiçom? Entendemos que em pé de igualdade, apesar da situaçom particular da Galiza. Tenha-se em conta que mesmo com umha situaçom normalizada, a Galiza nom pode ombrear-se com o Brasil. Há outras diferenças interessantes de salientar e que nos aproximam do Brasil. É o facto de a Academia Brasileira das Letras ser, como a AGLP, 'privada'. Nom é organismo do Estado, como a Academia das Ciências de Lisboa, embora seja referência assumida polo Governo federal.

Xosé Ramón Barreiro dixo a este jornal que se tinham posto em contacto com Lisboa para lhes fazer ver que a RAG era a única "representante da Galiza". Nom lhe figérom caso?
Nom sei se lhe figérom caso e nem sequer sei se de verdade se dirigiu à Assembleia da República Portuguesa. O que é verdade é que com quem entendem que devem entender-se é com os reintegracionistas e concretamente com o órgao equivalente ao que eles tenhem. Nom faria sentido que se entendessem com umha academia que di que o galego e o português som línguas diferentes. É como se a Real Academia Espanhola se entendesse com umha academia de spanglish.

Até quando vai tolerar Portugal este relacionamento. Ou será que o rumor do suposto medo português a Espanha nom tinha fundamento?
Isto daria para umha conferência. Polo que observo, nas reunions realizadas houvo umha sançom positiva tanto de Portugal e do Brasil como de Espanha. Neste caso, interessa salientar que há umha entidade galega, mais ou menos do mesmo nível institucional que a portuguesa e a brasileira, reconhecida por estas instituiçons, e da qual fôrom testemunhas qualificadas um representante do ministro que está a levar a introduçom do Acordo [o ministro da Cultura português] e o segundo da Embaixada espanhola. Ele, que estivo presente na reuniom, pudo comprovar de que se tratava.

As relaçons da Academia Galega da Língua Portuguesa com a parte nacionalista do governo bipartido pareciam boas; e agora, virám mais dificuldades?
O novo governo nom ajudará, mas nom penso que poda pôr dificuldades; enquanto as cousas estiverem mais assentes, temos pensado falar com o presidente da Junta. De qualquer modo, o Governo nom pode interferir nas actividades lícitas dos cidadaos e, por outro lado, nom dependemos dos orçamentos estatais ou autonómicos. O Governo de Madrid, que é o que tem as competências relacionadas com os negócios estrangeiros está informado de todo o que fomos fazendo, porque a Embaixada espanhola em Lisboa foi informada de cada reuniom por nós mesmos; nom se pode dizer que andássemos a esconder nada.

◆ 30.04.2009

Vizinhas pola Toleráncia concentram-se em Caritel em apoio da família de etnia cigana assediada por parte da vizinhança.

◆ 01.05.2009

José Blanco assegura em Foz que o TAV "vai vertebrar o território".

◆ 02.05.2009

Família de Francisco Vázquez ingressou 18 milhons de euros com a venda de solo para a construçom do centro comercial Marineda Plaza.

◆ 03.05.2009

Confirmado em Ourense o primeiro caso de *gripe A* na Galiza.

◆ 04.05.2009

Movimento polos direitos civis deposita fiança de 3.000 euros para que a Cámara Municipal de Compostela retire a videovigilância, mas esta nega ter recebido comunicaçom judicial.

◆ 05.05.2009

Leche Pascual apresenta ERE para eliminar os 153 postos de trabalho da fábrica de Outeiro de Rei.

◆ 06.05.2009

Três trabalhadores da Capitania Marítima de Burela denunciam assédio por defender o cumprimento da legalidade no uso do galego.

◆ 07.05.2009

Núñez Feijoo afirma que há um desfase de 600 milhons de euros nos ingressos do bipartido.

◆ 09.05.2009

Empresa Mirador de Sanxenxo, umha das construtoras da macrourbanizaçom do Monte Faro em Sangenjo, abandona o projecto.

www.inovagaliza.com
|desenho|comunicaçom|publicidade|
inova

NOVAS DA GALIZA
15 de Maio a 15 de Junho de 2009

INTERNACIONAL

Zaloa Ibeas de la Cruz, responsável nacional de Mulher de LAB, e ***Miren Conde****, responsável de Mulher de LAB em Navarra*

"Fomentam o trabalho feminino quando o mercado precisa de mao de obra barata"

I.G / As jornadas organizadas pola CUT e a formaçom juvenil Adiante com o título "Avançando na construçom do socialismo" trouxo estas duas sindicalistas bascas à Galiza. Com elas conversamos sobre a crise económica, a resposta das centrais e a situaçom das mulheres.

Onde situades a origem da actual crise económica?

Zaloa: A leitura que fazemos da crise é que é umha crise do actual sistema, que vai mais além de ser umha simples crise financeira. Umha crise que deixou a descoberto que o modelo capitalista está esgotado, de maneira que é imprescindível articular mudanças reais. Falam de refundar o capitalismo, mas para o nosso sindicato a soluçom nom passa por isto, mas por impulsionar verdadeiras mudanças económicas, sociais e políticas que permitam superar esta situaçom.

Qual achades que deve ser a resposta dos sindicatos?

Z: A luita activa na rua e nos centros de trabalho. Por isso, os sindicatos bascos temos convocada umha greve geral no dia 21 de Maio. Pensamos que o mais importante nestes momentos é que a classe trabalhadora, as mulheres e os homens trabalhadores, estejamos na rua respondendo activamente às agressons que estamos a sofrer porque entendemos que nom somos os responsáveis por esta situaçom. Devemos activar a luita trabalhadora.

Miren: Pola parte dos sindicatos entendemos, como dixo a minha companheira, que esta crise nom é umha crise do modelo financeiro simplesmente, senom que é umha crise de todo o modelo social, de maneira que a resposta nom deve ser só pola nossa parte. Polo contrário ha de haver umha resposta global, com implicaçom dos agentes sociais. Por isso se pretende que se somem à greve, que saiam à rua denunciar a situaçom que estamos a padecer.

Tendes falado da necessidade de outro sindicalismo frente a novos desafios...

M: Os sindicatos temos que responder às necessidades da classe trabalhadora e às da populaçom em geral. Mas o nosso ámbito de actuaçom é unicamente o laboral, o que representa um espaço reduzido, de maneira que é imprescindível a colaboraçom entre os demais agentes sociais. Perante esta situaçom de crise, no País Basco criamos Herria Abian! -umha plataforma integrada por mais de 70 colectivos bascos em que é representada boa parte da sociedade, excepto a classe política- para que elabore um diagnóstico real da situaçom e proponha umha alternativa a partir de três premissas básicas: distribuiçom da riqueza, tanto a nível produtivo como reprodutivo; democratizaçom da economia, entendendo por isto pô-la ao serviço da populaçom e nom ao de umhas elites mui concretas como agora; e um desenvolvimento sustentável baseado na ecologia.

Detectades um incremento dos casos de discriminaçom a mulheres?

Z: Quando falamos de que nom é só umha crise financeira mas do modelo queremos dizer que está esgotado porque assenta na divisom sexual do trabalho, um modelo patriarcal sustentado na economia submersa. Está-se a produzir também umha invisibilizaçom da problemática específica das mulheres. Querem fazer-nos ver que a crise está a afectar só os homens, na construçom e na indústria, quando na realidade sabemos que se estám a destruir milhares de postos de trabalho em sectores feminizados. Estamos a ser despedidas sem nengum tipo de protecçom, mas isto está a ser invisibilizado. Pensamos que é imprescindível que todo isto saia à luz. Por isso precisamos de umhas reivindicaçons que fagam visível esta realidade.

M: Quando falamos de que vivemos num sistema capitalista patriarcal temos que ter claro que o sistema capitalista se baseia na acumulaçom de riqueza à custa da classe trabalhadora e o patriarcal na opressom da mulher. Estamos a ser utilizadas continuamente ao serviço do mercado laboral; quando precisa de mao de obra barata é quando nos oferecem que nos incorporemos, e quando sobra somos as primeiras prejudicadas. Isto é o que está a acontecer nestes momentos. Também nos utilizam agora que se vam dar cortes em direitos sociais porque cumprimos um labor que se saísse ao mercado custaria muito dinheiro, por isso os governos, em vez de investirem esse dinheiro em serviços sociais, deixam toda essa carga de trabalho em maos das mulheres.

Quais pensades que som os reptos de futuro?

Z: Situar a classe trabalhadora e os sindicatos numha situaçom de ofensiva frente ao patronato para superar a crise. Nom se pode responder empresa por empresa, há que dar umha resposta global. Também há que apresentar umha proposta de mudança social, para o que nos dotamos de Herria Abian! Em Junho debateremos o diagnóstico e em Outubro decidiremos que mínimos deve ter o modelo de alternativa social que estamos a propor. É necessario falar de qual é a situaçom real para que a gente se volte sujeito activo, porque os meios de comunicaçom e a classe política e económica estám a utilizar umha linguagem que a maior parte da populaçom nom entende. Pensamos que o fam de modo consciente para que nom entendamos o que acontece e nom haja umha resposta adequada.

M: O País Basco deve ter direito a decidir que tipo de modelo quer, mas há que ter claro que qualquer mudança a nível político nom será possível sem a participaçom das mulheres e sem que se garanta o reconhecimento dos seus direitos. Mas os sindicatos também temos que fazer umha reflexom, porque o mercado laboral está a mudar. Produziu-se a incorporaçom das mulheres, que nos encontramos com que nom nos sentimos identificadas com a forma de fazer sindicalismo, com a maneira de responder às problemáticas laborais, de maneira que é imprescindível que as centrais apostem em políticas que fagam que se incorporem e participem de modo activo.

ALÉM MINHO

Guarda-redes vs Goleiro: uma eterna disputa

NUNO GOMES / Se podemos afirmar que a cultura de um povo ou de uma comunidade se baseia na aceitação da sua especificidade, é também defensável que tanto a génese quanto a sobrevivência dessa cultura dependem do seu grau de xenofobia. Na palestra de aceitação do Booker de 1994, James Kelman reagia assim às críticas dirigidas ao seu livro (How late it was, how late): "Uma linha fina pode existir entre elitismo e racismo. Quando o tema é linguagem e cultura, a distinção pode simplesmente deixar de existir." (trad. do autor) Sendo Kelman escocês e tendo transposto para o referido livro essa especificidade, afrontou a ira dos críticos londrinos com um ataque direto ao que realmente os unia contra o livro: não a sua qualidade, mas a sua especificidade. Não uma especificidade que os londrinos reconhecessem como sua, mas uma especificidade escocesa, estrangeira, estranha ao padrão de Londres.

Como este existem recorrentes exemplos da nossa incapacidade em assumir e aceitar a diferença, ou de como a nossa conceção do 'normal' está solidamente assente sobre preconceitos: nos atentados às Torres Gémeas e consequente 'Guerra ao Terror', toda a pista que levasse a fundamentalistas islâmicos era bem-vinda – árabes ou crentes do islão em geral eram inevitavelmente considerados culpados; na criminalidade – se envolve minorias étnicas (ciganos), comunidade emigrante (africanos, europeus de leste), então já é notícia, e nós regozijámos com a clareza do axioma; no futebol – qualquer vitória sobre a Inglaterra tem duplo prazer.

Todos estes exemplos, aparentemente avulsos, explicam os nossos preconceitos: preconceito de superioridade em relação a árabes e africanos, e de inferioridade em relação a britânicos. Podemos até acharmo-nos fora deste circo dos preconceitos, mas basta apenas que a realidade nos troque as voltas para percebermos todos os preconceitos que subsistem dentro de nós.

As discordâncias em relação ao Acordo Ortográfico em Portugal têm normalmente duas razões: a técnica, muito rara, e a motivada pela ignorância. É uma ideia assente que o AO não é mais que uma concessão ao Brasil, uma prenda política do Governo Português ao seu congénere brasileiro. Quando explico a estas pessoas a história verdadeira do AO, da sua assinatura em 1990, dos anteriores acordos da língua, da discordância entre normas que agora será sanada, etc., a grande maioria das pessoas reconsidera. Alguns tornam-se mesmo adeptos do AO.

Ainda assim, subsistem portugueses que não percebem que este é apenas um acordo gráfico: nem a fonia nem a cultura serão afetadas. De qualquer maneira, as telenovelas e a música brasileiras já há muitas décadas influenciaram o português de Portugal. A influência, boa ou má, já existe. O mal (ou o bem) já está feito. O que subjaz desta contestação, da recusa desta novidade, não é o AO em si, que pouco ou nada lhes interessa: é a negação de uma grafia 'abrasileirada'. É um preconceito português em relação aos brasileiros, à sua cultura, à sua maneira de ser. É o ex-colonizador a tentar reforçar a sua soberania, já há muito desaparecida.

ANÁLISE

Aborto: novas luitas por umha velha reivindicaçom

INCREMENTA-SE O ACTIVISMO E O DEBATE EM TORNO À DEFESA DO DIREITO À INTERRUPÇOM VOLUNTÁRIA DA GRAVIDEZ

Aprovaçom dum anteprojecto de Lei que despenaliza o aborto, intensificaçom das campanhas ultra-catolicistas, luita feminista... O debate do aborto volta à tona, condicionado, igual que sempre, mais que nunca, pola hipocrisia dos governos e as ideias reaccionárias dos sectores da extrema-direita. Para lá do "direito à vida" dum embriom, o que está em causa é a maioria de idade do género feminino para exercer livremente a soberania sobre o seu próprio corpo.

OLGA ROMASANTA / A Galiza é um dos países com o índice de abortos mais baixos do Estado. Em 2007 houvo 2.669 interrupçons da gravidez, das quais 76,12% se realizárom em clínicas privadas. Porém, só o Centro de Planificaçom Familiar de Monte Alto tramita cinco abortos diários, dos quais poucos chegam a patricar-se: os impedimentos económicos, a pressom social, e o desamparo legal continuam a ser fortes condicionantes.

Os três casos que até agora recolhia a legislaçom de 1985 permitiam situaçons de desigualdade geográfica como a que se dá no País: Ourense e Corunha podem tramitar abortos dentro dos limites legais enquanto Lugo envia as pacientes para clínicas privadas ou paras as Astúrias. Para além disto, se umha mulher está grávida de mais de 12 semanas, nom é atendida em nengum lugar da Galiza. Cumpre somar a isto a objecçom de consciência a que se acolhe o pessoal sanitário, termo nascido exclusivamente para o âmbito militar.

Esta flexibilidade no entorno ao exercício dum direito fundamental das mulheres, o da liberdade, demonstra às claras que a legislaçom responde a uns interesses patriarcais.

Mulheres maifestam-se em Compostela frente à presença dum autocarro promocional da 'Plataforma Derecho a Vivir'

Moralidade quando convém: Igreja e interesses económicos

Mas, o que é que fijo aguardar tanto por umha mínima reforma na Lei do Aborto na Constituiçom espanhola? Associaçons ultra-conservadoras financiadas por partidos da direita e uns fortes interesses económicos estám por trás das reticências.

Em 1964 registárom-se no Estado espanhol 300.000 abortos, realizados em péssimas condiçons sanitárias e cobrados a um preço que só as classes altas podiam pagar. A dia de hoje, o mafioso sistema sanitário continua a fornecer-se a expensas dos supostos que marca a legislaçom: só um médico na Galiza, segundo Luz Puente, membro da Associaçom Internacional de Direito Penal, realiza abortos acolhidos à legalidade pola via pública. O resto remetem as pacientes para as suas próprias clínicas privadas. Podemos falar dum lucrativo negócio do aborto, que, como no caso das drogas, verá mermada a sua actividade com a inclusom das intervençom na saúde pública.

Para além disto, o facto de que as campanhas promovidas pola Igreja continuem a constituir um condicionante jurídico vem a demonstrar mais umha vez as implicaçons religiosas num suposto estado laico. Associaçons como *Direito a Viver*, *Pró-Vida* ou o *Foro da Família* (que vem de anunciar umha digressom polo Estado pola "defesa da vida",

> Só um médico na Galiza realiza abortos acolhidos à legalidade pola via pública. O resto remetem as pacientes para as suas clínicas privadas. Podemos falar dum lucrativo negócio do aborto, que verá mermada a sua actividade com a inclusom das intervençom na saúde pública

cujo símbolo som os pés dum feto de dez meses) estám a exercer umha inegável pressom social. O anteprojecto de lei aprovado responde aos interesses partidistas do PSOE, que viu no aborto umha arma eleitoral útil para obter o voto de certos sectores. Mas, para além disto, foi empregada em jeito de trampolim pola Igreja para lançar umha campanha inusitada pola estigmatizaçom das interrupçons da gravidez. A consideraçom social do aborto e o dramatismo com que se trata som em boa medida fruito destas políticas ultra-catolicistas que vem no aborto o desmembramento dum dos alicerces para o absoluto mantimento do patriarcado que as sustenta.

Luita feminista

Os sucessos acadados até hoje, assim como o longo caminho que fica por andar contra a criminalizaçom da mulher que decide sobre o seu próprio corpo, pertencem inteiramente à luita constante de muitas mulheres galegas que reivindicárom os seus direitos.

Fôrom muitas as campanhas que se levárom a cabo nestes últimos meses exigindo aborto livre a gratuito, e também muitos os ataques à Igreja para mostrar a oposiçom face às suas políticas reaccionárias e anacrónicas. O boicote a umha mesa de propaganda catolicista em Ferrol, a campanha das Maribolheras Precárias "A Igreja mata. Apostata!" ou os ataques a sés eclesiásticas como o das mulheres da Assembleia de Vigo na Igreja da Soidade som só alguns. Aliás, a Marcha Mundial das Mulheres (MMM) está a desenvolver umha forte campanha com palestras informativas. A Assembleia de Mulheres do Condado levou adiante umha iniciativa para brigar pola inclusom do aborto na Segurança Social, assim como umha recolha de abaixo-assinados.

A educaçom em matéria sexual é imprescindível hoje que a pressom por manter relaçons sexuais, e sobretodo sob uns papéis sociais fruito do patriarcado. As iniciativas das mulheres do Condado ou o colectivo Lilith vam nessa linha.

A nova lei do aborto que acaba de aprovar o governo do PSOE é sem dúvida um passo adiante. Mas, enquanto a decisom particular dumha mulher continuar sendo assunto político de primeira ordem, e enquanto se figerem prevalecer os direitos dum embriom sobre o dumha pessoa do género feminino; enquanto a estigmatizaçom do corpo da mulher e a sua sexualidade continuarem a ser um dos objectivos dos sectores mais conservadores, a luita do feminismo continuará fazendo-se ver.

CENTROS SOCIAIS

Aguilhoar Sta. Marinha · Ginzo de Limia
Arrincadeira C. Histórico · Riba d'Ávia
Artábria Trav. Batalhons · Ferrol
LSO Atocha Alta 14 Monte Alto · Corunha
Atreu! S. José · Corunha
Aturujo Principal · Boiro
Baluca Vermelha Redondela · Ponte Areias
A Casa da Triga P. Maior · Ponte Areias
A Cova dos Ratos Romil · Vigo
A Esmorga Telheira · Ourense
Faísca Calvário · Vigo
Fervesteiro Adám e Eva · Ferrol
A Formiga Redondela
A Fouce de Ouro Bertamiráns · Ames
O Fresco Bº da Ponte · Ponte Areias
Gomes Galoso Monte Alto · Corunha
O Guindastre Xulián Estévez, Teis - Vigo
Henriqueta Outeiro Quir. Palácios · Compostela
Média Leva Amor Meilám · Lugo
SRCD Palestina Rua do Ril · Burela
O Pichel Sta. Clara · Compostela
A Revira Arc. Malvar · Ponte Vedra
A Revolta Rua Real · Vigo
Setestrelo Perez Viondi, 9 · Estrada
Som um cam Rua do Vilar, 9 · Ourense
A Tiradoura Reboredo · Cangas
CS VogaLume R. das Nóreas, 5 · Lugo

ANÁLISE

A TDT facilita a entrada das televisons portuguesas

A nossa oferta televisiva actual vem conformada pola TVG, algumha hora de precárias televisons locais e mais de quinze programas estatais com 24 horas em língua castelhana e temáticas cozinhadas além do Padornelo. Um triste e cinzento panorama monolingüe e alheio no qual a classe política governante semelha sentir-se cómoda e nom pom interesse algum em mudar. Na Holanda, na Bélgica, no Luxemburgo, na Suécia, na Finlândia, e tantos outros países europeus beneficiam lingüisticamente, e sócio-economicamente, dum espaço televisivo aberto e enriquecedor onde ao abeiro da directiva europeia da "televisom sem fronteiras" e da Carta Europeia das Línguas se recebem com toda a naturalidade as programaçons dos estados vizinhos. Para a Galiza nom vai ser possível até passado o ano 2012 segundo as informaçons que expugera no parlamento galego o agora cessante governo do PSOE.

SANTIAGO MORONHO / Aduzia-se no Parlamento a escasseza de espaço radioeléctrico até superado o apagamento analógico previsto para o 3 de Abril de 2010, e nisto, ainda que haja umha parte de razom, há interessantes alternativas. No sistema da TDT, umha só frequência tem capacidade para quatro programas como som para o caso a RTP1, a RTP2, a SIC e a TVI portuguesas; mas a realidade é que nom vai estar disponível umha frequência com cobertura sobre todo o País até serem apagados os sinais analógicos como argumentava o Governo.

A Fundaçom Via Galego fijo sobre isto um estudo e achega umha proposta real para começar já com as emissons portuguesas, mesmo assinalando os perigos de adiá-lo mais. Com cinco estaçons emissoras primárias chega-se na Galiza a 80% da populaçom, cobrindo-se as sete cidades maiores com as suas bisbarras. A instalaçom destes cinco emissores é possível em frequências diferentes que de facto estam disponíveis agora nestas contornas, atingindo-se decontado umha ampla primeira fase de cobertura. A operaçom seria mui semelhante em equipamento e custe à instalaçom das antenas emissoras de cinco televisons locais, o que tomando como referencia contrataçons anteriores da empresa pública Retegal, nos leva a um custe inferior aos 1,5 milhons de euros, mui longe dos 15 milhons de que se vinha laiando o Governo autonómico. Seria após o apagamento analógico que estas cinco emissoras se sintonizariam à sua frequência comum definitiva e se procederia com a ampliaçom da cobertura até o total do território.

Umha razom a mais para abordarmos já esta iniciativa é que chegado o momento do apagamento analógico vai ficar libertado umha boa parte do espaço radioeléctrico com mui boas características de propagaçom e cobertura, estando-se a escuitar o ruge-ruge de fortes interesses empresariais que pressionam para o seu emprego noutras aplicaçons lucrativas como a televisom nos telefones móveis e o acesso à Internet. Este é o chamado "dividendo digital" que resulta da mudança ao novo sistema de televisom muito mais eficaz em termos técnicos; um bocado sem osso que precisa dum quadro regulador a desenhar ainda a partir do ano 2010 e no qual de novo haverá competir o assunto das televisons portuguesas na Galiza, levando-nos mui provavelmente a datas mais remotas ainda das previstas hoje. Alviscando esta conjuntura é o próprio estado espanhol, no real-decreto do plano técnico da TDT, que encomenda às comunidades autónomas que antecipem a sua planificaçom para a segunda frequência digital de âmbito autonómico antes do apagamento de 2010.

> No sistema da TDT, umha só frequência tem capacidade para quatro programas como poderiam ser a RTP1, a RTP2, a SIC e a TVI

Nesta altura parece resultar bem acaído dedicar esta segunda frequência digital autonómica ao acesso aos meios portugueses, de tanta importância para a Galiza como prescreve a referida Carta Europeia da Línguas e possibilita a directiva da TV sem fronteiras na procura de estímulos ao progresso económico e social dos povos europeus.

A primeira frequência digital autonómica tem hoje umha cobertura maior de 95% da populaçom e transporta a TVG e mais o G2, da mesma casa e ainda a abrolhar. Escandalosamente, leva quatro anos a transportar também -sem conteúdo- os espaços reservados para os dous programas privados galegos: a COPE e La Voz de Galicia. Estas vergonhentas concessons cheias de irregularidades foram assinadas in extremis no último conselho da Junta em funçons do Fraga Iribarne, com a promessa naquela altura de grandes investimentos e a criaçom de postos de trabalho que ficárom em nada. A realidade é que as concessionárias nunca chegárom a produzir programaçom nem a administraçom foi quem de lhes retirar publicamente os títulos, estando-se a pagar hoje os custes de transporte e difusom deste contentor televisivo com o dinheiro público. Desde Via Galego olha-se também como umha possibilidade transitória, de mínimos e a custe zero a injecçom imediata dos sinais da RTP1 e RTP2 nestes espaços mortos.

Para termos acesso às televisons portuguesas fica demonstrado que existem propostas reais e concretas com umha fundamentaçom jurídica, técnica e económica que tornam em cativos pretextos os argumentos manifestados pola administraçom em diferentes ocasions. Torna-se difícil imaginar que o novo governo do PP poda encarar com algumha sensibilidade e sem medos este assunto que só pode beneficiar a nossa língua, cultura, economia e desenvolvimento como felizmente acontece noutras latitudes europeias.

REPORTAGEM

O juiz decano da Corunha justifica obras ilegais realizadas pola sua família

ANTONIO FRAGA MANDIÁN TEM-SE CARACTERIZADO POR REJEITAR A NORMALIZAÇOM DO GALEGO

Dous expedientes administrativos qualificam de ilegais outras tantas actuaçons num terreno propriedade de María Isabel Mandián Maceiras, mai do titular do Julgado de Primeira Instância numero 8 e juiz decano da Corunha. A parcela Tarreos, situado no Concelho de Paderne, é atravessada polo curso do Regato das Fragas, que foi entubado pola família Mandián, o que foi objecto do primeiro expediente na sua contra. O segundo expediente, que saiu à palestra mediática nas últimas semanas, vem dado pola construçom na finca, situada em terreo nom urbanizável, de dous bungalows e umha piscina.

XOÁN R. SAMPEDRO / AARÓN L. RIVAS

Segundo o expediente aberto pola Agência de Protecçom da Legalidade Urbanística, dependente da anterior Conselharia da Política Territorial, as construçons realizadas por María Isabel Mandián Maceiras constituem "um uso proibido em solo rústico de protecçom ordinária, que nom pode estar enquadrado em nenhum dos usos permitidos nem autorizáveis nesta categoria de solo".

O terreo aparece classificado como solo nom urbanizável comum segundo as normas subsidiárias de planeamento municipal de Paderne de 1986. Adaptando a Lei de Ordenamento Urbanístico e Protecçom do Meio Rural de Galiza, a parcela fica submetida ao regime do solo rústico de protecçom ordinária. Daí a irregularidade das edificaçons "sem vinculaçom à exploraçom agrícola ou pecuária". Por parte, incumpre-se ainda a outra possível condiçom para edificar em solo rústico. Segundo o expediente: "a superfície da parcela em que se situa a edificaçom é de 1.779 metros quadrados, inferior à superfície mínima de 4.000 metros quadrados, exigida para as construçons residenciais".

Antonio Fraga Mandián qualificou as obras objecto do expediente como "dos galpones que utilizamos para que los chicos se cambien y para guardar el cortacésped", segundo se recolhe em declaraçons oferecidas ao Xornal de Galicia. "Lo que está allí es para ocio, en ningún caso para vivir o residir", sustém o juiz. Desta forma quer desmentir as acusaçons da Agência de Protecçom da Legalidade Urbanística e, segundo recolhe esta publicaçom, o magistrado nom considera que se realizaram irregularidades nestas obras nem tampouco nas de canalizaçom do regato, objecto doutro expediente. Porém, o juiz afirma nom ter lido nenhum dos expedientes sobre os que se pronuncia.

No ano 2008 aparece o primeiro expediente da Junta relativo a actuaçons irregulares da família Mandián na parcela Tarreos. Trata-se neste caso dumha acçom de Águas de Galiza, organismo dependente na altura da Conselharia do Meio Ambiente e Desenvolvimento Sustentável, na qual na seqüência dumha denúncia do 2007 se abre procedimento sancionador por umhas actuaçons que agridem a paisagem da zona. Em concreto, segundo o expediente, María Isabel Mandián Maceiras seria responsável por efectuar "obras de canalizaçom do Regato das Fragas com desvio do curso, assim como fechamento de tuias e rede metálica, afectando as zonas de servidom e polícia do Rego da Pontiga".

Um dos bungalows que a família de Mandián construiu junto com umha piscina em terreo nom urbanizável

Antonio Fraga Mandián no seu gabinete

Este expediente recolhe que a família teria, amais, modificado decurso natural do regato no interior da parcela. Segundo um relatório de campo da Guardaria de Águas de Galiza, "parte das águas do rego som desviadas por um cano a um outro ponto da parcela de denunciada (...) mediante duas pequenas presas de terra e madeiros". Este mesmo documento indica, sem o relacionar naquel momento com a posterior denúncia pola construçom dos bungalows, que "no interior da parcela, aparentemente recheada, observam-se várias construçons mas nom se podem precisar as suas características por nom aceder ao interior da mesma".

Durante o processo administrativo derivado deste expediente as responsabilidades dividem-se entre a já citada María Isabel Mandián e o seu irmao José Manuel Mandián Maceiras. Este último fica como responsável polas obras de entubaçom do regato em 1992, quando a parcela era ainda da sua propriedade.

Assinala-se asomade a possível prescriçom dos feitos denunciados, mas o organismo Águas de Galiza afirma que "o mero decorrer dos prazos prescritivos nom converte as actuaçons ilícitas em lícitas, porquanto que, como actuaçons nom autorizada continuam a ser ilegais ainda depois de extinguir-se a faculdade sancionadora da administraçom". É em base a isto que se impom umha multa e a obriga de se restitur a zona ao estado anterior à intervençons ilegais.

> O expediente de Águas de Galiza assinala que María Isabel Mandián seria responsável por efectuar "obras de canalizaçom do Regato das Fragas com desvio do curso, assim como fechamento de tuias e rede metálica, afectando o Rego da Pontiga". A família teria, amais, modificado o decurso natural do regato no interior da parcela

Um juiz polémico

Nom é esta a primeira vez que o senhor Fraga Mandían pretende justificar acçons de duvidosa legalidade. Deste jeito, o actual juiz decano da Corunha fora sancionado polo Tribunal Superior de Justiça de Galiza como "autor de umha falta de negligência e doutra de demora na resoluçom dum processo". Este caso remonta ao ano 1991 e ao Julgado Social nº 2 de Ponte Vedra, onde Fraga Mandián exercia entom. Em setembro do ano dito modificou a data de assinatura na sentença dum conflito colectivo, para a que esgotara o prazo de decisom mentres gozava das férias de verao.

Ademais, este juíz tem amosado a sua atitude pouco favorável à normalizaçom da língua, especificamente no ámbito judicial, em reiteradas ocasions. Fraga Mandián tem assinado artigos na imprensa nos quais, sem ambages, se orgulha de que o emprego da nossa língua seja "exíguo" na administraçom de Justiça "porque los que intervienen en ella así lo desean".

Além disso, também justifica publicamente o emprego do topónimo deturpado *La Coruña. Fijo-o logo de que o secretário da CIG-Ensino naquela comarca, Eduardo Álvares, apresentasse umha queixa por um "auto" que lhe foi remetido em castelhano, e no qual amais encontrou o topónimo espanholizado no encabeçamento e no carimbo. O documento saía do gabinete de Fraga Mandián, que tentou justificar-se publicamente num "erro ortográfico". Porém, num processo posterior do qual o juiz decano conseguiu arrancar umha multa contra Álvares por injúrias, foi mais contundente: "No tengo ningún rubor en usar la ilegalidad del topónimo La Coruña".

NOVAS DA GALIZA
15 de Maio a 15 de Junho de 2009

A FUNDO

Aprofundam-se os efeitos da crise, aumenta o medo e as autoridades temem estoupidos sociais

NO CONTEXTO ACTUAL NEM OS GRANDES GESTORES SE FIAM DO FUNCIONAMENTO DOS MERCADOS

As cifras som contundentes dia trás dia. Tomarmos o índice que tomarmos, umha nuvem negra semelha situar-se sobre as economias ditas desenvolvidas, incluída a galega. A imprensa empresarial abafa-nos com marés de dados, que já nem se querem maquilhar. Apenas alguns políticos apontam, de maneira tímida e incerta, umha luz no final do túnel. Mas, numha economia que avança em solitário e desbocada, os conselhos dos políticos nom venhem com crédito nenhum. A própria maré de dados, que apontam para umha crise de dimensons gigantescas, alimenta a passividade e a impotência. No entanto, os mais conscientes perguntam-se onde estám as forças sindicais maioritárias.

ANTOM SANTOS / Há já várias décadas, o pensador alemao Günther Anders concluíra que o homem "nom é capaz de conceber os efeitos que causam os seus produtos". A reflexom, parida a propósito da tecnologia bélica e o armamento nuclear, bem pode aplicar-se à crise económica em curso. A sua dimensom territorial é tam ampla, a interdependência de elementos tam complexa, que apenas um fato de especialistas semelham autorizados a compreendê-la e propor saídas factíveis. Neste sentido, a justiça reclamada polas vítimas da tolémia económica mundial bate com as dificuldades da soluçom concreta. E a situaçom também se pode enlaçar, por sua vez, com um outro cenário bélico que narra Jorge Semprún, situado na Primeira Grande Guerra. Umha maioria de soldados rasos e oficiais médios, fartos de padecerem a carnificina, sublevam-se contra os mandos na frente oriental e exigem voltar a casa. Os mandos damlhe a razom nas exigências, mas concluem: "por muito que quigerem retornar, a dificuldade da operaçom é tam complexa, precisa duns conhecimentos de material bélico, geografia, tecnologia e estratégia tam precisos, que apenas os altos oficiais poderiam materializá-lo: vocês ficarám aqui connosco na frente". Sequestradas neste labirinto, as populaçons vítimas da economia ainda tenhem que começar por cartografar o terreno que pisam.

Quase se converteu num lugar-comum dos meios empresariais a denúncia da "economia do tijolo", emblema do enriquecimento rápido e o abaratamento do consumo sustentado na borbulha creditícia

Alguns dados

Como se pode supor, os esforços dos colectivos independentistas e de esquerdas –revolucionários ou nom– apontárom nestes meses a desentranhar a crise. Se as dificuldades do conhecimento residem agora no colapso por sobreinformaçom, qualquer orientaçom de certa qualidade passa por um eficaz labor de peneirado. Mais ainda quando o grosso da esquerda europeia –com honrosas excepçons– está a viver e recriar a crise com debates internáuticos e comunicados na rede, sem desatar dinámicas sociais de alcanço. Nesse sentido, haveria que deixar de parte a produçom activista de notícias –"estamos nas luitas porque falamos delas" –para caminharmos ao miolo das pouquíssimas análises úteis e operativas.

Por palavras de Pascual Serrano, o acesso a esta cartografia orientativa, a dos bons tratados de economia "é tam importante como lermos livros de sobrevivência numha ilha deserta". Juan Torres López, em *Toma el dinero y corre...* (Icaria) adverte sobre a necessidade de nom nos amedonharmos ante a linguagem matemática, deliberadamente encerelhada, dos grandes gurus do mercado, para descobrir umha lógica mais simples. Assi, ainda que a crise seja basicamente financeira e atinja duramente o sector da construçom, um estudo recente assinalava que os directivos da banca tenhem um salário médio que sempre ultrapassa os 80.000 euros, e os das promotoras imobiliárias, os 100.000. A cultura do excesso e da desvergonha instalou-se num mundo onde a maior parte do dinheiro é falso. Na economia financeira dos mercados de troca e nas bolsas, circulam 5,5 bilhons de dólares, enquanto o comércio mundial real é cem vezes menor. Neste contexto, nem os grandes gestores se fiam do funcionamento dos mercados. Longe de existir "falta de liquidez nos mercados", como pregoa a imprensa empresarial, a escasseza de dinheiro circulante deveu-se à falta de confiança entre uns bancos e outros, onde campanhas de descrédito e rumores podiam servir para conseguir a insolvência dumha entidade financeira. A psicose criada polos especuladores desatou umha paralisia que os governos desafiárom com o dinheiro de todos, oferecendo recursos públicos milionários para animar a circulaçom mercantil.

> Os directivos da banca cobram mais de 80.000 euros, e os das promotoras imobiliárias, 100.000. Cultura da desvergonha num mundo onde a maior parte do dinheiro é falso

O que se segue é bem conhecido. Até mesmo os especialistas mais consagrados abandonam os eufemismos, para nos advertir da profundidade das turbulências, quando estamos a conhecer apenas a ponta do icebergue. N.N. Taleb, autor da conhecida obra *O cisne preto*, e professor na Universidade de Nova Iorque, manifestou sem matizes: "a crise global é enormemente pior que a da década de 30, porque o sistema financeiro e as economias som muito mais interdependentes". Curiosamente, e como apontam fontes da esquerda real, a mudança de relaçom entre o nacional e o internacional meteu-nos num beco nem saída, pois "todo problema interno dum país é no fundo um problema internacional complexo que nenhum governo em solitário pode resolver". E portanto, a extensom da democracia como correlato institucional do mercado total fai com que, a maior legislaçom, menos controlo da gente sobre os recursos essenciais das suas vidas.

No caso do Reino de Espanha, o economista Niño Becerra (*El crash del 2010*) também nos antecipa um porvir bem convulso. Para o professor da Universitat Ramon Llul "ainda estamos a viver umha conjuntura de pré-crise", que precederá umha queda em picado "até os finais de 2012". Longe de prediçons –que no caso de tantas forças esquerdistas se tornam autênticas profecias–, coincidem os especialistas nas dificuldades espanholas neste rio turvo. "Pouco pode oferecer Espanha –continua o mesmo especialista–, ao basear a sua economia na automoçom, a especulaçom imobiliária e o turismo, sectores todos eles vulneráveis e mui dependentes do exterior." Sobre a falta de produtividade da economia espanhola, que se arrasta durante a decolagem vertiginosa das últimas duas décadas, ao alento da precarizaçom auspiciada por PSOE e PP, alertam praticamente todos os sectores. Quase se converteu num lugar-comum dos meios empresariais a denúncia da "economia do tijolo", emblema do enriquecimento rápido e o abaratamento do consumo sustentado na borbulha creditícia.

Na Galiza, danos mais fundos e pensons ameaçadas

Como adoita acontecer, o nosso país padecerá com mais intensidade as consequências dumhas turbulências que nom dará controlado, indefeso ante a falta das mínimas ferramentas institucionais para conduzir umha outra política económica. Assi no-lo manifesta Paulo Rubido, responsável nacional da federaçom de serviços da CIG: "ainda que se fale muito do crescimento industrial da Galiza, este foi localizado. Continuamos a viver fundamentalmente da construçom, e dos serviços orientados para a hospedaria e o turismo".Se o devalar do primeiro sector fica claro para todos, o sindicalista adverte que "o medo e a queda de poder aquisitivo vam assanhar-se na economia de serviços, e mesmo no caso dumha hipotética recuperaçom, para nós vai ser mais lenta e imperceptível".

Xavier Rodrigues, economista especializado na avaliaçom crítica dos Expedientes de Regulaçom de Emprego, ratifica este panorama negro. "De partida, nom devêssemos ler a situaçom económica a

Trabalhadores do metal viguês cortam a via do trem. Xermán Garcia assinala que "os trabalhadores nom tenhem outro remédio que ir pola greve geral. E nessa exigência está a CUT, animando a todo o tecido associativo galego, e aguilhoando os sindicatos que nom se atrevem a dar o passo". Nos últimos anos "há um trabalho sistemático da patronal para ir recortando direitos, e convencendo de que a acçom colectiva nom serve"

partir dos índices estatísticos fornecidos polos mídia; nom estám necessariamente falsificados, mas trazem sempre umha metodologia trampeira que por vezes destaca dados pouco relevantes. Isto, por nom falarmos da idiotice de calibrar o bem-estar social através do PIB: um índice que frequentemente aumenta por causa de grandes catástrofes que mobilizam sectores económicos inteiros, como de facto aconteceu com as marés negras do Prestige". De resto, continua este estudioso, "nom há dado nenhum que avalie essa teoria dos "*brotes* verdes" que recentemente vendem os políticos. O único que observamos é que alguns indicadores começam a ralentizar a sua queda, mas seguir, seguem caindo." No tocante à situaçom galega, os lenitivos da classe política tampouco nom semelham convincentes: "menor dramatismo? Pode havê-lo, mas só por umha questom de tempo. A crise começou por abalar as economias de "monocultura imobiliária" do Mediterráneo, e aqui simplesmente chegou depois. Está a entrar ainda na nossa terra, e os seus piores efeitos nom os conhecemos". Para restar dramatismo à situaçom, há quem assinale o peso da economia pública no nosso país, com um peso quantitativo imenso do funcionariado sobre o total da populaçom activa. Ainda, e sem conhecermos o porvir que enxergam os políticos para a administraçom galega, umha cousa parece certa e é que está ameaçado um dos pilares do cacarejado "estado social": as pensons, colchom tam importante em tantas famílias galegas que afrontárom a reconversom da economia agrária. Conhecidos neoliberais como Joaquín Almunia (comissário de Assuntos Económicos e Monetários da Uniom Europeia) aproveitam o contexto para conscienciar da necessidade dos recortes. Nos próximos anos, e sempre em funçom da capacidade de mobilizaçom dos assalariados, a classe política pensa acometer umha ofensiva contra as pensons em duas linhas convergentes: aumentando a idade da reforma, e reduzindo o montante de cada pensom, ampliando o número de anos para determinar a base reguladora.

Sindicatos: entre o absentismo e a pressom

Como é sabido, as etapas de recessom avivam o medo e encerram os mais humildes na morada, aprisionados nas estratégias de sobrevivência e na jaula de ouro da vida privada. Mas este fenómeno nom estoupou hoje, vem de mui atrás: "nom se podem compreender estes primeiros meses de crise declarada sem conhecer os dez anos anteriores –diz-nos Xermán García Romai, responsável da CUT em Compostela. Há um trabalho sistemático da patronal, acompanhada da UGT e CCOO, para ir recortando direitos, e convencendo de que a acçom colectiva nom serve. E di-lhe tu agora à gente, com o medo que se espalha em todos os sectores, que é a hora de dar guerra." Para o Xermán, que se mostra tremendamente crítico com todas as forças sindicais maioritárias, e que adverte contra os perigos da burocracia nas centrais, à classe trabalhadora nom lhe fica demasiada alternativa. "Agora venhem os EREs uns trás outro, que mais que serem sintoma da crise, som mostra do oportunismo da patronal, que aproveita a conjuntura para deslocalizar-se, ou eliminar direitos que em tempos mais calmos nom poderia banir". De maneira que, ainda que o medo e a inibiçom aumentem, "os trabalhadores nom tenhem outro remédio que ir pola greve geral. E nessa exigência está a CUT, animando a todo o tecido associativo galego, e aguilhoando os sindicatos que nom se atrevem a dar o passo".

> "Há que convocar a greve geral. Já haveria que a ter convocado antes da mudança de governo. E se actuarmos com CCOO e UGT, estas terám que dar umha viragem radical: estám a assumir a negociaçom de convénios à baixa, sem aumento salarial, e estám a apoiar muitos EREs"

Paulo Rubido, da CIG, nom difere demasiado desta valorizaçom. "Há um sector de trabalhadores amedonhados, como há outro, crescente, que já pouco tem que perder, que está a piques de ver-se na rua, e que nom pensa noutra cousa que em medidas de pressom." Perguntado sobre o silêncio da CIG no relativo a umha greve geral, dá-nos a sua opiniom "estritamente pessoal": "há que convocá-la, e já vamos fora de tempo. Porque para termos credibilidade diante da classe trabalhadora, já haveria que a ter convocado antes da mudança de governo. E se actuarmos conjuntamente com CCOO e UGT –continua– estas centrais terám que dar umha viragem radical: porque agora estám a assumir a negociaçom de convénios à baixa, sem aumento salarial, e estám a apoiar muitos EREs".

Temor dos dominantes e divergência dos dominados

A alusom ao incêndio social, neste caso, nom é privativa de dirigentes sindicais. Num relatório recentemente editado polo Banco Mundial, a entidade financeira advertia que "entramos numha etapa socio-económica crítica, sem precedente desde os anos da Segunda Grande Guerra", e chamava a atençom sobre o risco de graves estoupidos sociais na Europa. E ainda que a Galiza nom conheça situaçons paralelas às acontecidas na França, na Islándia ou na Bélgica nos meses recentes, as tendências do nosso contexto nom se distanciam muito. Também a modernizaçom policial, a doutrina forte do "antiterrorismo" e a asfixia alegal e ilegal à dissidência se ensaiam aqui como medidas preventivas para evitar porvires mais complexos.

Fora de profecias de futuro, a consciência da gravidade toma corpo em camadas mui diversas; sectores sociais que conhecem o pano de fundo desta crise financeira, a trama geral em que se desenvolve este acto particular: umha crise energética mundial, que ainda se está a incubar, e que promete esborralhar muitos aspectos considerados inamovíveis nesta esta civilizaçom da virtualidade e do hedonismo de massas. Em diversos núcleos militantes, muitas vezes desconectados entre si, artelham-se projectos guiados por umha filosofia decrescentista, rumados para a revitalizaçom das redes locais e a soberania alimentar. E se a maioria da populaçom ainda os desconsidera ou os despreza, nom é exactamente por desinformaçom, mas por ficar amarrada à roda das inércias. J. Howard Kunstler, um estudioso da crise das energias fósseis e do colapso do modelo ocidental, reparou neste fenómeno, aplicável a vários pontos do mundo. Quando o futuro que se alvisca ou se intui está tam longe da experiência comum dos que vivem num lugar e num tempo concreto – afirma este pensador – nom se pode compreender plenamente a informaçom disponível, e cai-se num bloqueio mental colectivo que os psicólogos chamam "dissonância cognitiva".

Contodo, nom som as análises mais sofisticadas as que asseguram navegar mais operativamente nesta convulsom nascente. Assi o escrevêrom Juan Torres e Alberto Garzón, autores dum dos livros de mais êxito neste contexto (*A crise financeira. Guia para compreendê-la e explicá-la*). Trás dissecarem de maneira mui didáctica o caos em que andamos embarcados, concluem que nom há mais receita mágica que duas velhas fórmulas, gastas, úteis e inamovíveis: "primeiro, subverter a imoralidade dominante, substituindo-a pola ética e a decência; e segundo, erguer a voz para amotinar-se contra os miseráveis que nos trouxêrom até aqui".

NOVAS DA GALIZA
15 de Maio a 15 de Junho de 2009

REPORTAGEM

A outra cara do leite: radiografia dum sector em crise que luita pola sua sobrevivência

MAIS DE ONZE ANOS DEPOIS, TRACTORADA NACIONAL CONTRA UMHA SITUAÇOM LIMITE

O sector leiteiro galego leva mais de duas décadas de reconversom, quatro anos de constantes incertezas polos preços do leite em origem e os custos dos factores de produçom, um ano de intensa crise interna e vários meses em que todo o anteiror se está a juntar com um contexto de crise global na economia galega. No momento de redigir estas linhas, do SLG já tinham convocado as primeiras assembleias comarcais para organizar umha tractorada de carácter nacional. Trata-se dumha medida de pressom adoptada polo sector primário galego sobretudo na década de 80 do século passado como protesto polas conseqüências negativas da Política Agrária Comum (PAC).

A última grande tractorada registou-se há mais dumha década, em Janeiro de 1998, se bem desde aquela data se tenhem convocado outras, mas apenas de carácter comarcal ou local, como a de Compostela em 2005 ou a da Corunha em 2006

HELENA IRÍMIA / A última grande tractorada registou-se há mais dumha década, em Janeiro de 1998, se bem desde aquela data se tenhem convocado outras, mas apenas de carácter comarcal ou local, como a de Compostela em 2005 ou a da Corunha em 2006.

Essa mobilizaçom seria umha continuaçom das que já tivérom lugar, como as multitudinárias manifestaçons do dia 8 de Maio nas principais comarcas pecuárias da Galiza, ou anteriormente em Madrid, sem esquecer dúzias de assembleias, actos informativos e diferentes protestos recolhidos por este periódico no que vai de ano.

A permanente reconversom

Há umha década, os principais problemas do sector eram o sistema de quotas de produçom impostas pola Uniom Europeia -que obrigárom a grandes movimentos e provocárom compravendas de quota e feche de exploraçons- e a constante ameaça da descida dos preços em origem, eventualmente acompanhados doutros problemas como o encarecimento dos combustíveis e das forragens, da electricidade ou até de crises sanitárias.

Nos últimos anos mantivérom-se principalmente as ameaças dos preços baixos para os produtores e a oscilaçom nos preços dos combustíveis e dos alimentos para o gado, somando-se fenómenos como o 'leite barato' -leite a baixo preço nos comércios- que forçavam novas descidas no preço em origem.

As empresas, em crise

Seja como for, tratava-se sempre de problemas que mormente afectavam os produtores. No entanto, nos últimos meses a crise do sector na Galiza excedeu o ámbito estritamente agrário para se inserir no habitualmente chamado 'laboral', como foi a decisom da espanhola Leche Pascual de botar o fecho à factoria de que dispunha no concelho de Outeiro de Rei, causando a perda de centos de trabalhos directos e indirectos, além do habitual prejuízo para os produtores cujo leite deixou de ser recolhido.

O responsável de Acçom Sindical de Unions Agrárias (UU.AA.), Javier Iglesias, acha que nom há motivos que justifiquem a situaçom actual, com preços médios inferiores aos 30 cêntimos de euro por litro. Ainda, denuncia práticas dalgumhas indústrias "que provocan a sensaçom de que sobra leite, e isso nom é real, todos o sabemos". Para o sindicalista, "dumha vez por todas" devem-se pactuar os preços "de baixo para acima, de nom de acima para baixo, como se está a fazer hoje".

Pola sua parte, Xavier Gómez Santiso, responsável polos Sectores Ganadeiros do Sindicato Labrego Galego (SLG) denuncia que no último ano baixou "muitíssimo" o preço do leite em origem. Lembra também que há algo mais dum ano o preço ultrapassara os 40 cêntimos por litro durante um breve período que atribuiu a umha pretensom da Uniom Europeia de liberalizar o mercado, o qual "criou umha falsa ideia de que faltava leite". As conseqüências disso estariam a pagar-se hoje, na sua opiniom.

Ligado com o expressado por Gómez Santiso, Francisco Bello, de Jovens Agricultores (JJ.AA.), assinala que esses meses entre finais de 2007 até Fevereiro de 2008 fôrom "históricos", pois o sector nom lembrava esses preços. No entanto, como dizíamos, desde Março de 2007 até hoje o preço nom deixou de baixar, freqüentemente em descidas de 6 ou 7 cêntimos, fazendo com que se passasse de um enganoso preço médio de 40 cêntimos por litro a 27 em apenas 15 meses. O porta-voz de JJ.AA. Lembra que no passado Outono esperava-se umha remontada do prezo em origem pola estacionalidade da produçom, mas isso nom se deu e as descidas continuárom.

> A crise do sector excedeu o ámbito estritamente agrário para se inserir no chamado 'laboral', como foi a decisom da espanhola Leche Pascual de botar o fecho à factoria de que dispunha em Outeiro de Rei, causando a perda de centos de trabalhos directos e indirectos, além do prejuízo para os produtores

> Desde Março de 2007 o preço nom deixou de baixar. Passou-se de um enganoso preço médio de 40 cêntimos por litro a 27 em apenas 15 meses

Fim do sistema de quotas

Após mais de quinze anos a luitarem contra dos efeitos do sistema de quotas, este verá o seu fim previsivelmente a partir de 2015, devido às promessas da Uniom Europeia de liberalizar o mercado. Nesse momento, cada produtor poderá produzir sem limites, o que dará muita mais vantagem a países como a França acima da Galiza, piorando a já precária situaçom actual.

ERRATAS

- Na notícia sobre o Dia da Mulher Trabalhadora do passado número a campanha referenciada da Assembleia de Mulheres de Vigo como própria deste ano já se tinha realizado três anos atrás.

- O anterior NOVAS DA GALIZA correspondeu-se com o número 77 e nom com o 76, como figurava erroneamente referenciado na capa.

As mobilizaçons das últimas semanas incluírom sabotagens contra camions de Leite Rio e verquidos de leite procedente de supermercados

Desta opiniom é o porta-voz do SLG, quem julga que com esta liberalizaçom à Galiza ainda lhe resta "muito que perder", e pom como exemplo países como a Nova Zelándia, com preços médios de 16 cêntimos de euro por litro -onze abaixo dos preços médios actuais galegos-.

Contrato homologado

Soluçom a este cenário seria um contrato homologado entre empresas e produtores. A Conselharia do Meio Rural do bipartido lograra avanços neste sentido, se bem foram criticados polo SLG por nom fixarem um preço mínimo. Acordou-se com umha duraçom mínima de seis meses -período inferior a umha campanha leiteira-, e se bem Javier Iglesias assegura que "nom é a panaceia", ao menos "romperia umha situaçom kafkiana, porque um produtor nom sabe a quanto vai vender o seu leite", pois está a assinar com a empresa umha sorte de cheque em branco cujo valor só conhece no mês seguinte à venda.

Contudo, esse contrato tímido foi incumprido polas indústrias, segundo denunciam todas as organizaçons. No SLG som especialmente críticos, pois Gómez Santiso critica que seja apenas no estado espanhol que se utilizou um contrato desta natureza "para fechar exploraçons", principalmente porque o preço vem determinado polas indústrias.

Intermediários

As três organizaçons sindicais reconhecem nos intermediários os únicos que saem ganhando na crise do sector leiteiro, e até há poucas semanas via-se que enquanto o preço ao produtor nom fazia mais que baixar, para o consumidor só aumentava. Para quem vai a diferença? Para a grande distribuiçom, que se fai com aproximadamente 50% da diferença entre o preço que recebe o produtor polo leite produzido e o que compramos nas lojas.

Diante da tirania do mercado e das distribuidoras, Gómez Santiso propom soluçons radicais partindo da base da soberania alimentar. "Cumpre regressarmos aos mercados de proximidade", mesmo que isso implicasse "procurar umha sociedade diferente". No entanto, o sindicalista nom vê "ninguém" preocupado por achar essas alternativas, "somos mui poucos quem o fazemos". Umha soluçom menos radical seria a de reduzir o peso da distribuiçom e repartir os lucros que esta gera.

Situaçom limite

Segundo os três sindicatos, as exploraçons pecuárias galegas estám "no limite", sobre tudo porque além da problemática já descrita, a recente reduçom do preço dos cereais nom repercutiu nos pensos -que se levam encarecido um 30%-. Outros factores de produçom que aumentárom o preço som os fertilizantes -duplicárom o custo-, sem esquecer que durante boa parte de 2008 os combustíveis fôrom umha constante preocupaçom, e que neste ano o novo sistema de tarificaçom eléctrica está a dar nom poucos sustos e razons para a indignaçom.

Neste contexto, 2.000 exploraçons pecuárias galegas estám num sério risco de feche no curto prazo, pois estám profundamente endevedadas, quer polo contexto de crise, quer porque nom dêrom amortizado os importantes investimentos para a modernizaçom iniciados nos últimos anos.

SLG, UU.AA. e JJ.AA. consideram "umha provocaçom" que as principais empresas se dediquem a importar leite excedentário do mercado francês no canto de mercar-lhe-lo aos produtores galegos.

Imagem de umha das recentes acçons de protesto em grandes áreas comerciais

Direitos laborais pendentes

Para as Unions Agrárias, o trabalhador agrário é mais um autónomo, mas apesar dos avanços, hoje em dia continuam sem existir mecanismos suficientes para garantir que um ganadeiro receba qualquer tipo de prestaçom excepto a de jubilaçom. Do SLG acham que seria boa ideia a criaçom de algumha prestaçom similar às do desemprego, e acham "injusto" que actualmente só tenham direito à recebida quando se reformarem.

O trabalhador agrário é mais um autónomo. Continuam sem existir mecanismos suficientes para garantir que receba qualquer prestaçom excepto a de jubilaçom

Cinco anos de incertezas

Na hemeroteca do NOVAS DA GALIZA som recorrentes as informaçons, reportagens e análises sobre a situaçom precária do sector leiteiro galego e das ameaças que constantemente pairam sobre ele. Eis alguns exemplos:

- Mais de doze mil pessoas abandonam o agro num ano (NGZ 28, março-abril 05)
- Ministério impom multa de 14,6 milhons ao sector lácteo (NGZ 34, setembro-outubro 05)
- Os tentáculos da transnacionalizaçom económica asfixiam o agro galego (NGZ 38, janeiro-fevereiro 06)
- Grupo português Lactogal adquire Leite Celta à norte-americana Dean Foods (NGZ 45, agosto-setembro 06)
- Comissom Europeia estuda eliminar sistema actual de quotas lácteas (NGZ 48, novembro-dezembro 06)
- Pola soberania alimentar do povo galego, paremos a liberalizaçom dos mercados (NGZ 49, dezembro-janeiro 07)
- Empresas leiteiras ameaçam futuro do agro galego (NGZ 53, abril-maio 07)
- Produtores mobilizam-se com contundência para evitar descida dos preços do leite em origem (NGZ 64, março-abril 08)
- Contrato homologado para produtores de leite: as dificuldades para umha conquista histórica (NGZ 66, maio-junho 08)
- Às voltas com o contrato do leite (NGZ 71, outubro-novembro 08)
- Mais quota ou mais preço? (NGZ 72, novembro-dezembro 08)
- Meio Rural defende criaçom de um fundo lácteo pola supressom das quotas (NGZ 74, janeiro-fevereiro 09)
- "Para alcançarmos a soberania alimentar teríamos que deixar atrás as grandes exploraçons que trabalham em funçom do mercado global" (NGZ 76, março-abril 09)

NOVAS DA GALIZA
15 de Maio a 15 de Junho de 2009

CULTURA

ERNESTO VÁZQUEZ SOUZA, ESCRITOR E HISTORIADOR

“Os pretensos superadores do pinheirismo fôrom na realidade os seus discípulos avantajados”

ANTOM SANTOS / Ernesto Vázquez Souza centra o seu labor investigador na construçom de um discurso historiográfico nacional que, nas suas palavras, “está ausente na universidade galega”. Morando em Valhadolid e pesquisando mui longe da academia, reconstrói laboriosamente a trajectória de importantes vultos da causa galega. Para além da erudiçom, vinca na importáncia de superar modelos intelectuais “escravos de modelos espanhóis”. Com ele falámos delongadamente para desvendar dimensons ocultas da nossa história, e para volvermos sobre a longa sombra do pinheirismo.

Como começam as tuas inquedanças investigadoras?
Por acaso. Eu estudei filologia galego-portuguesa e ia para medievalista. Nom era bom estudante, mas lia muito; combinava isto com o activismo nos CAF, e sempre tivem interesses intelectuais diversos, mesmo caóticos. Ao rematar a carreira interesso-me polas ediçons originais dos livros de Otero Pedraio, e inicio um caminho que me leva a Ánxel Casal.

De onde procedem as tuas preocupaçons intelectuais?
Começo tirando de um fio e surprendo-me porque o fio nom remata. Pensava que tudo estava feito, estudado, que nom havia mais. Mas percebo que há muito por fazer, há muitíssimos baleiros. Abundam as fontes documentais, penso, há mais testemunhas... como ninguém as atendera? Em plena década de 90, ainda viviam os últimos das Irmandades, gente fascinadora, obrigada a calar, como Manuel Casal, gente do pequeno comercio, do centro da Crunha. Como eu som do bairro, reconecto com este pessoal, por pesquisa e através de redes familiares. Passava horas nas bibliotecas e arquivos, no Circo de Artesãos e na da Academia Galega. Com isso enfiava as conversas com Xosé Mª Dobarro e com Antón Capelán, aos quais devo muito do que sei. Um ano em Montevideu, terminou de me desencaixar todos o esquemas aprendidos.

Começas logo a reconstruçom do discurso historiográfico nacionalista...
Eu nom partia dessa intençom. O que se passa é que me decato de um ocultamento deliberado de parte da tradiçom. A manobra começa polos próprios contemporáneos. Quem sobrevivêrom ao golpe de 36? Por umha banda os da Direita Galeguista, que nom podiam estar interessados em recuperar a tradiçom republicana. E por outra o grupo de Galáxia, a se legitimizarem, teimudos em negar outra continuidade institucional.

E que acontece nos anos 60?
Pois os reconstrutores da via política também desconhecem essa tradiçom. Pensam que se rebelam “contra a tradiçom galeguista”, mas o único que conhecem é Galáxia. Excepto as trasmisons no espaço crunhês, (Avilés, Urbano Lugris, Marinhas, Antón Patiño, Xan Casal...depois o Facho) o resto partem do desconhecimento.

E qual é exactamente essa tradiçom que desconsideram?
A da Cova Céltica, a da Liga Gallega, a das Irmandades...a do nacionalismo sobretodo corunhês. Que é mui diferente do depois contado. Institucional, no sentido de constituir instituiçons nacionais para perdurarem; mui colectivo, orgánico e nada personalista, ao contrário que o que assenta posteriormente; e mui rodado na cultura associativa, dá-te de conta que procedem de duas ou três geraçons no federalismo e regionalismo.

Contemplou-se esta linha na historiografia recente?
Bem pouco. Predominam outras duas linhas. Umha de filiaçom marxista, mas de visom inteiramente espanhola; e outra, mais galeguista, que explica quase todo em volta de Vicente Risco e Galáxia. Mas o centro era a Crunha! Há que mudar os termos: o que se considera periferia política, era o centro; e o que se pensa centro cultural, era periferia.

A que se deve esta focagem dominante?
A historiografia galega, como deixa claro Beramendi no seu de Provincia a Nación... estudou discursos, intelectuais e plataformas dotadas de umhas declaraçons de princípios...mas que acontece com as redes de relaçom? Aquelas redes que nom tinham textos brilhantes ou que tinham poucos, mas estavam permanentemente focados no ativismo político, linguístico e social? Aqui está o verdadeiramente importante. Além disso, há um défice de discurso historiográfico nacional.

A que te referes?
Nom se aborda o sentido profundo da história da Galiza. Prolongar à modernidade isso que leva anos a pesquisar Lôpez Carreira: a ideia do nosso País como motor, como raíz do Ocidente peninsular, “cabeça de Espanha” e origem de Portugal. Somos um caso curioso de “naçom minguante” com suplantaçom continuada de protagonismo; se nom se parte de esta concepçom, é difícil compreender o que acontece no século XIX. Mas, na gente, na memória oral, conservárom-se chaves que permitem entender o sentido da narraçom colectiva. Isto compreendia-o Faraldo, isto compreendia-o Murguia, isto como garrafa ao mar largou Castelao no Sempre em Galiza... mas nom o compreendem os historiadores actuais.

Apontas a causas políticas...
Claro! Como todo o mundo sabe, a Universidade de Santiago, que é quem produziu e reproduz o discurso dominante, foi sempre ama de cria do caciquismo. Nom pode desvendar umha história contrária ao projecto espanhol e os seus mitos.

Pensas que incide também a tradiçom do pinheirismo e a sua escola de elites intelectuais?
O pinheirismo é a primeira tentativa de normalizar a cultura galega dentro de Espanha. Pensa que, antes disso, a cultura galega sempre tinha sido distúrbio, incomodo, provocaçom. O exílio mantêm esta linha, ainda nos anos 70. As novas elites som educadas de jeito diferente: a palavra mágica é consenso. Antes de conseguir nenhuma conquista política, nenhum reconhecimento, sempre consenso. Inclusive antes de termos autonomia: consenso.

E isto que resultados tem?
Incide também nos seus supostos adversários. A geraçom dos anos sessenta, as elites universitárias que se querem rebelar contra o guieiro, som na realidade os seus continuadores. Recrutados nas classes acomodadas (as únicas que estudavam carreiras na Galiza dos anos 50), educados na cultura dos persoeiros, das figuras...difíceis de encaixar em dinámicas de instituiçons nacionais. Nom conheciam a tradiçom política colectiva e associativa da que falei antes, e dam num terceiro mundismo anticolonial importado.

Inclues dentro deste balanço negativo a obsessom polo consenso?
Incluo. Galiza tem umha tradiçom de direito consuetudinário, cadra mal com a codificaçom racionalista. E, no social, nom ajeita como seus modelos franceses nem castelhanos. Somos mais bem, nesse sentido, “anglosaxons”, atlânticos, “cultura de alto contexto” com memória e lealdade clánica. A reivindicaçom disto e da organizaçom territorial (as paróquias e comarcas) é parte do discurso galeguista. Pretender encaixotar a nossa riqueza, a nossa diversidade, a nossa descentralizaçom, essas nossas “contradiçons” desde umha focagem espanhola, na pretensom de “consenso” é um absurdo. É como o conflito das normas ortográficas. Há que deixar fazer, deixar a gente apostar no que acredita, nos projectos que os vencelham à sua realidade e tradiçom concreta e. claro está, nom taponar com a palavra “consenso” qualquer desejo de conquista política.

ENTRELINHAS

Patricia A. Janeiro, na melhor perspectiva

ALONSO VIDAL / Quando a publicaçom de um livro gera polémica, há algo que nom vai bem. "A perspectiva desde a porta" de Patricia Janeiro foi finalista do Prémio Xerais no ano 2007, mas contrariamente à tradiçom, a editora decidiu nom publicá-lo. Nom era conveniente por tratar um tema delicado. O mundo dos presos independentistas ou a luita armada nom pode ser nem tema de novela se nom estivermos a falar da Palestina, o Sáara ou Irlanda do Norte. A ficçom pode resultar perigosa se ficcionamos o próximo, o oculto, o marginal, porque o foco deve manter-se sempre dirigido ao amável ou polo menos ao digerível; e se quigermos incidir em algo polémico, que seja algo que nos fique afastado; nom vaia afectar-nos. Trata-se de proteger o pensamento do povo de todo o que pode tarumatizá-lo ou, talvez, de toda ficçom que poda translucir atisbos de realidade.

Um pode abrir a capa do livro de Janeiro, finalmente publicado por Edicións Positivas, com certo temor. Que terá o texto de perigoso para querer ocultá-lo? Mas umha vez comprovado que nom havia nengumha trampa bomba oculta nas palavras, para além do que os morfemas e lexemas tenham de perigosos, pode-se navegar confiado por umha história bem organizada e melhor contada.

A solvência da autora fica totalmente demonstrada ao abordar um tema polémico com a valentia que requeria, fugindo em todo momento do paternalismo discursivo ou dos matizes panfletários que podem flutuar ao redor de qualquer autor comprometido. A utilizaçom da figura da Nadia, advogada de um preso político, com o seu conflito pessoal, dá o contrapesso necessário à história de David, o seu defendido. Entrecruza o relato como linha paralela o compromisso permanente da mae de Nádia, Malvina, velha militante nacionalista que já vivera a perda do seu homem, Braulio, na prisom franquista. As duas figuras femininas sustenhem o relato polo que passeiam sem desfazerem o fio argumentativo outras personagens e histórias que tecem de algum jeito um ambiente de compromisso com o amor, a nostálgia ou a Terra.

Merece especial atençom a primeira parte da obra, em Venecia, muito trabalhada literariamente, onde se combina magistralmente na personagem protagonista, todos os conflictos da história: Relaçons entre casais, solidom, compromisso, paixom... Nom cabe dúvida que estamos perante umha jovem escritora com oficio que consegue manter o nível de tensom durante todo o relato apesar da coralidade da história. A "credibilidade" apenas desce significativamente na parte em que Mariví assiste impassível na taberna à acusaçom de traiçom da sua filha durante umha acçom armada. Mas a autora compensa-nos com máximos emocionantes, como o da visita de Nadia e Malvina à prisom.

O primeiro romance de Patricia A. Janeiro, Caixa de mistos, (Sotelo Blanco, 2005), chegou a ser traduzido para o italiano. Esta é a segunda obra publicada. A escritora tem confesado que a origem da história está na ocupaçom do seu lugar de trabalho por parte das forças policiais espanholas, durante a tristemente famosa "Operaçom Castinheira". Numha entrevista na imprensa afirma que a gente que fai ficçom nom tem porque ser políticamente correcta, que escrever de certos temas actuais gera polémica.

Mas estamos ante algo mais do que umha novela polémica -que nom é pouco no panorama literário galego cheio de tópicos manidos e caminhos desandados- ; estamos ante um exemplo de novas maneiras de embarcar-se na aventura literária de forma amena, valente e actual. E merece a pena.

CONSUMIR MENOS, VIVER MELHOR

O lavar vai acabar?

TONI LODEIRO / O sabom em pastilha é um produto concentrado, os geles som um pouco de sabom dissolvido em bastante auga. Usando o sabom em taco, aforramos transporte e envases. Se usamos detergente líquido para lavar a louça, podemos misturar umha parte noutra garrafa com três ou quatro partes de auga, isto ajuda a que dure mais.

- Nom é difícil fazer sabom na casa, require algo de tempo, mas pode-se fazer muita quantidade de umha vez e é unha experiência interessante que podemos partilhar com colegas ou com crianças como actividade lúdica[5].

Entre os sabons que há à venda podemos encontrar tacos feitos a partir de azeite nalgumhas feiras de artesania ou contactando directamente com as artesás[6].

Entre os mais accesíveis, sabons de marselha, tipo lagarto ou sabom português em barra, que se pode encontrar no sul da Galiza, som fórmulas singelas baseadas em graxas e, normalmente, com poucos ingredientes sintéticos (petroderivados) supérfluos.

Em "ecotendas" e cooperativas de consumidoras podemos encontrar detergentes de marcas com compromisso social e ambiental, como Ecover e Solyeco[7]. Solyeco é umha empresa interessante apesar de que o seu modelo de producçom é mais convencional (emprega também ingredientes sintéticos).

- Vinagre, limom e carbonatos som alternativas de origem natural para a sujidade dificil. Podemos utilizá-lo directamente sobre as nódoas para abrandá-las. Carbonato (um pouco mais forte) e bicarbonato fam o papel (abrasivo) da lixívia, mas por serem produtos concentrados, aforramos.

- Os tradicionais esfregons de esparto tenhem um tacto agradável quando estám um pouco usados e constituem umha boa alternativa aos convencionais de fibras sintéticas (petroderivadas). Podemos aforrar a dureza das primeiras semanas de uso abrandando-os em auga com vinagre a ferver durante uns minutos. Outra opçom som os esfregons a base de cabaças dessecadas[8].

5. Há muitas receitas na rede. Duas singelas em: *www.enbuenasmaos.com/articulos/muestra.asp?art=1581* , *www.pinsapo.com/modules.php?name=News&file=article&sid=302*

6. **Algumhas produtoras de sabonete artesanal na Galiza** (nalgúns casos sabonetes para lavar feitos a base de graxas): Taller Lola Puñales (Betanços, *lolapunales.blogspot.com*, também ensina a fazer); Jabón jabón (Corunha, *jabonjabon.blogspot.com*); Cassia (Mondonhedo, *cassia.xabon@gmail.com*).
Outro contacto interessante: Ahimsa (Málaga): *www.ahimsa.com/6046/6073.html*

7. *www.detergentessolyeco.com/* , *www.consumoresponsable.org/destacados/ecover.asp*

8. *www.infojardin.com/foro/showthread.php?t=6085*

LÍNGUA NACIONAL

Se eu fosse eles

VALENTIM R. FAGIM / Se eu fosse eles, criava um *think tank* chamado "*España, un país, una lengua universal*". Se eu fosse eles, elaborava um relatório com o título: *Garantir la substitución linguística en Galicia.*

A secção primeira levava por título: Desligar o galego do português.

Objetivos: institucionalizar o castelhano como única ferramenta cultural e linguística: literatura especializada, Internet, música...; estrangeirizar o português; dialetalizar o galego a respeito do castelhano; afastar o conflito dos foros internacionais, reduzindo-o a uma questão regional.

Meios: oficializar uma normativa linguística nas coordenadas do castelhano, não promover a língua de Portugal e do Brasil: ensino, mass média...

Se eu fosse eles, a secção segunda levava por título: Tornar o galego inútil.

Objetivos: manter o estatuto social do castelhano como "língua a sério", criar antipatia e estranhamento na cidadania por uma língua que não funciona como tal.

Meios: dar ao galego um estatuto legal de artefacto secundário e prescindível, não promover o galego naqueles espaços de maior prestígio social, usar o discurso de "liberdade individual" ou o de "sentido comum / praticidade" segundo for preciso.

Se eu fosse eles, dissimulava um bocadinho.

Embora talvez não o precisem.

CINEMA PARA PENSAR

A Onda

F. TRAFICANTE / Nom é a primeira vez que falo nesta secçom de um filme alemao, pois quando de pensar se trata, esta cultura é umha das mais proclives a fazê-lo de forma rigorosa e entregada. Só é preciso pensarmos na percentagem de grandes filósofos de procedência germânica para reparar na sua tradiçom secular neste campo. O filme foi dirigido no ano 2008 por Dennis Gansel e fala de um experimento levado a cabo na realidade num liceu polo professor de Secundária Ron Jones nos Estados Unidos em 1967. Perante a afirmaçom do alunado de que umha ditadura nom se poderia produzir nunca mais na Alemanha (e por extensom nos estados integrantes da Uniom Europeia), propom-se o professor do filme o desafio de demonstrar-lhes o contrário. O experimento dura umha semana, tempo suficiente para ver como os alunos e alunas se vam transformando num grupo coeso que acaba rejeitando aqueles que nom formam parte dele e caindo de forma insconsciente nas atitudes fascistas e intolerantes que antes criticavam. Nom há mensagem política específica por trás, mas só umhas atitudes gregárias e sectárias per se. Afinal o projecto escolar vai-se das maos do professor, quem manipula o alunado até provocar nele atitudes violentas que ultrapassam as intençons iniciais do docente. É nesse momento quando tenta deter o movimento escolar auto-denominado "A Onda", umha vez que fai ver aos adolescentes como caírom naquilo que diziam que nom poderia voltar a acontecer: o regresso do fascismo. Mas é demasiado tarde para evitar umhas consequências trágicas que terám um alto custo pessoal para o próprio professor. O mais interessante é ver como segundo avança vemos a evoluçom das personagens, que quase som umha amostra dos diferentes tipos de indivíduos com quem nos podemos encontrar nas sociedades ocidentais. E vemos as diferentes reaçons que os sentimentos grupais provocam nas pessoas de acordo com a sua personalidade ou história pessoal. E o mais importante, deixa ver como muitas vezes a ideologia é quase o menos importante nas dinámicas de grupo fechadas e portanto intolerantes com todos aqueles que pensam diferente a eles. Mesmo podemos ver que as atitudes sectárias nem sempre acabam precisando de umha ideologia mui nítida para se produzirem. Mas em todo o caso, este tipo de comportamentos fascistas dá-se nas organizaçons tanto de direita como de esquerda. Nesse sentido, o filme é umha pedra de toque para vermos como, ainda quando um grupo poda actuar com as melhores intençons, as dinámicas grupais extremamente fechadas e entusiastas levam a umha intolerância que parece ser inerente às mesmas.

DESPORTOS

Liga nacional de Bilharda

O vinho da jarra acendeu o lume para os abertos das letras e a grande moinhada de Compostela

XERMÁN VILUBA / Empapados em auga e vinho foi como acabárom os combinados norte e sul da LNB na explossiva II ediçom da mítico **Jarro do Salnês.** A rota polos Furanchos foi o primeiro contacto entre os hemisférios, onde cada um de eles demonstrou o seu estado de forma. Cuncas de penalti, lábios amoratados e exigência de petiscos aos camereiros indicavam que o ambiente já começava a ser o das grandes citas, e nom era para menos , estávamos imersos no labirinto das prévias do Jarro do Salnês. Até o momento, a Galiza nunca tinha disputado umha final de um mundial de futebol, mas quando isso acontecer pouco vai distar de esta maravilha chamada Jarro do Salnês. Nós e todos os que tendes os olhos postos nestes regos escritos sabemos que a filosofia LNB implica um projecto global e um dos seus principais frentes é a musica, no Jarro tivemos a enorme sorte e o luxo de partilhar taças e suores com os autores de umha espectacular música que fijo o grupo, **FACHENDA GALEGA,** que pujo B.S.O a esta nova ediçom do Jerro depois de serem **GALEGOZ** os que oferecérom à revoluçom bilhardeira umha espectacular visom sexual em forma de música incluida também no seu novo e espléndido trabalho **"Viñeron da Galiza interior".**

Até o momento, a Galiza nunca tinha disputado umha final de um mundial de futebol, mas quando isso acontecer pouco vai distar de esta maravilha chamada Jarro do Salnês

Começou a luita no aberto a duas pistas pola espectacular afluência de palanadores, Norte e Sul de novo frente a frente e empapados polo impressionate dilúvio que converteu a pista das Angústias num mar invadido por palanadores surfeando na adversidade.

Final do Jarro entre dous mestres do combinado norte, a juventude de **Eric dos Outros** contra a sabiduria e a experiência de **Franco dos Bilhardeiros Musicais.** Baixo uns espectaculares chuzos de ponta Eric foi quem de dobregar o palanador Italo-Galego numha angustiosa final que o converteu como diriam os **GalegoZ no amo do jerro e da bilharda.**

Magistral liçom de toda a LNB que, sem apoio de instituçom nenhuma, um ano mais foi capaz de sacar este mítico torneo adiante, no Jerro mesmo ardérom as camisolas de palanadores que nom puidérom suportar mais a pressom e tivérom que recorrer à expressom máxima de queimar a camisa, como acontece na cultura cigana como modo de exprimirem a sua total emoçom. Camisolas e camisas que continuarám a arder nos Abertos organizados pola LNB que, junto com diferentes colectivos, prepara a celebraçom do dia das Letras,

Sábado 16

-Alameda de Santiago de Compostela 17:00 horas – Aberto da Gentalha.

-II Festa da Língua de Marim, Aberto de Bilharda no pavilhom de Sequelo organiza A.C. Almuinha.

Domingo 17

-Aberto da Ilha de Samertolameu (Moanha) organiza a associaçom Meiramar-Axouxeres.

-Vigo: Aberto de bilharda + Obradoiro de bilharda para crianças e iniciantes no Parque de Catrelos organiza: Agência Muxicas.

Todo pronto para enfrentarmos, o próximo 31 de Maio no campo de futebol de terra de Conxo, a grande moinhada do Play Off Nacional da LNB 08-09, *BOTA-TE AO MONTE COM A LNB!!*

Murguía, Revista Galega de Historia é un proxecto autoxerido, no que grazas a centos de subscritores e lectoras vai descubríndose a Historia da nosa nazón, divulgándoa e póndoa en valor.

No último número apreséntase unha boa parte dos mitos e lendas que conforman o noso imaxinario colectivo, así como a nosa pegada na tradición e lendas doutros países, caso de Irlanda, obvio a través do Leabar Gabhala que reproduce o último número de Murguía, RGH...

Nome Apelidos
Enderezo
Localidade CP Teléfono
Solicito: Subscrición Máis Información
Enviar á **Murguía, Revista Galega de Historia**: Apartado de Correos 755 15.703 Compostela
ou secretaria@revistamurguia.com Teléfono 629.31.12.68

Subscribete! www.revistamurguia.com

www.novasgz.com | assinantes@novasgz.com | Telefone: 692 060 607 NOVAS DA GALIZA

Preenche este impresso com os teus dados pessoais e envia-o a NOVAS DA GALIZA, Apartado 39 (CP 15.701) de Compostela

☐ Subscriçom + livro = 35 € ☐ Subscriçom anual = 24 € ☐ Assinante Colaborador/a = ___€
☐ Subscriçom + pack bilharda = 30 € ☐ Subscriçom + duplo pack bilharda = 35 €

Nome e Apelidos Telefone
Endereço C.P.
Localidade E-mail

☐ Nº Conta
☐ Junto cheque polo importe à ordem de Minho Média S.L.

Assinatura

A cidade das Burgas e a capital do País podem voltar, futebolisticamente, a um lugar mais acaído à sua condiçom. Depois de temporadas de irregularidade permanente, o Ourense superou o primeiro jogo da promoçom de ascenso, goleando por 4-0 o Tudelense; o Compostela, que já se declarou campeom de grupo em Terceira, também goleou com 3-0 o Monzón

Ourense e Compostela, quase de volta na divisom de bronze

A cidade das Burgas e a capital do País podem voltar, futebolisticamente, a um lugar mais acaído à sua condiçom. Depois de temporadas de irregularidade permanente, o Ourense superou o primeiro jogo da promoçom de ascenso, goleando por 4-0 o Tudelense; o Compostela, que já se declarou campeom de grupo em Terceira, também goleou com 3-0 o Monzón. A nota negativa, os problemas do presidente Caneda com os siareiros e siareiras, pois nom acedeu a rebaixar o preço da entrada.

Ao feche desta ediçom, ainda nom se tinham disputado os jogos de volta.

Decepçom de Gómez Noia em Ponte Vedra

Gómez Noia habituou-nos a ganhar sempre e, por isso, um brilhante segundo posto pode conduzir à decepçom. Depois de ganhar a copa da Europa no ano passado, sucumbiu na boa vila de Ponte Vedra diante do russo Dmitry Polyansky, que conseguiu roubar-lhe o triunfo nos últimos metros da carreira a pé. Numha competiçom tremendamente táctica, o russo aproveitou o desgaste do galego, que correu escapado umha boa parte da prova, para ganhar numha mudança surpresiva na recta final. Umha derrota que lhe sabe ao ferrolao especialmente amarga.

Em mulheres, há que salientar o papel de Sabela Castro, que logrou o melhor posto das galegas com a 24 posiçom.

Galiza volta a soar forte na maratona

O nome da Galiza volta a soar forte no desporto rei e, mais estritamente, na sua modalidade mais agónica. O compostelano Pedro Nimo e a lucense Xandra Aguilar superárom o grande desafio da maratona. Nimo classificou-se para o mundial de Berlim em Viena, debutando na prova com 2:12.10. Umha carreira em que se mostrou seguro e tremendamente regular, apesar de ser novato na especialidade e, segundo as suas palavras, "nom levar umha excessiva carga de quilómetros".

Pola sua parte, a lucense correu a sua terceira maratona melhorando uns segundos a sua marca. Venceu em Hamburgo com 2:29.01, ganhando mesmo a prova, e demostrando umha progressom regular e mui sólida. Seguimos expectantes esta evoluçom, mas perguntamos às autoridades galegas, por que dous atletas de tamanha categoria militam em equipas foráneas? Umha vergonha.

NOVAS DA GALIZA

APARTADO 39 (15701) COMPOSTELA - GALIZA / TEL: 630 775 820 / PUBLICIDADE: 692 060 607 / info@novasgz.com

OPINIOM	2	REPORTAGEM	11
EDITORIAL	3	A FUNDO	12
NOTÍCIAS	4	CULTURA	16
ANÁLISE	9	DESPORTOS	18

XOÁN FERNÁNDEZ | CENTRO SOCIAL ATURUXO

"Oferecemos um espaço de formaçom individual e colectiva através do trabalho diário"

PAULO VILASENIM / Entrevistamos o Xoán Fernández do Centro Social Aturuxo de Boiro, umha entidade referencial no Barbança que mantém um importante nível de actividade e dinamizaçom. Os recentes ataques que tenhem sofrido nom vam deter a ilusom deste núcleo que seguem a trabalhar por umha Galiza alternativa.

Como valorizais a aceptaçom do projecto?
É bastante boa, o nosso local converteu-se num referente para a mocidade, mas ainda está a encontrar dificuldades para que participe gente de outras idades. O projecto está pensado fundamentalmente para dirigir-se à mocidade e isto fai mais difícil que pessoas de outras faixas de idade se involucrem activamente.

Recentemente, sofrestes um ataque fascista...
O ataque foi claramente intencionado. Numha semana rebentárom-nos um vidro da fachada e umha janela. Respeito ao da hostilidade, pensamos que sim, que a nossa presença incomoda os sectores mais espanholistas da vila, já temos ouvido algum comentário fora de tom sobre nós e sobre as actividades que realizamos no local. Também há certa hostilidade por parte das forças e corpos repressivos do estado, este ano já levamos tres "visitas", mas de momento nom funcionam nem como intimidaçom.

Que actividades que primam na vossa programaçom ?
Organizamo-nos de forma assembleária e abrimos para todo o mundo os fins-de-semana. Jornadas de debate e formaçom, actividades lúdicas, oferecemos umha pequena biblioteca no local, matraquilho... Projectamos filmes e documentários, festas... estamos a pensar na possiblidade de achegarmo-nos mais ao rural em contraposiçom à vida mais urbanita do centro da vila. Temos em mente promover jogos populares nas aldeias (campeonatos de trompos, de bolos celtas, chave...), e fazer jornadas de trabalho colectivo para ajudar nas tarefas do agro nos fogares das sócias e sócios (apanhar patacas, estivar lenha, vindima, debulhar milho...).

No aniversário organizastes umha rondalha. Como foi visto na vila?
Houvo certa indiferença com respeito à rondalha, talvez fose porque este tipo de actos nom som comuns num entorno que oscila entre vila e aldeia. Ao contrário que nas cidades, onde este tipo de actos som mais visualizados, é preciso ir assentado-os nos lugares mais pequenos.

Como enfrenta Aturuxo a mudança de governo na Junta?
Com tranqüilidade, nom creemos que mude muito a situaçom, já que os últimos quatro anos de bipartito fôrom de um continuismo bestial com o anterior governo de Fraga (e é possível que em termos repressivos ainda fosse pior). Onde sim vamos trabalhar duro é com o tema lingüístico, consideramos que neste aspecto sim vai haver umha mudança importante com respeito à política lingüística anterior, espéramnos quatro anos de governo reaccionário e espanholista.

Que governe o BNG em Boiro é umha vantagem?
O certo é que nom conhecemos o contraste, desde que se criou a associaçom até o momento sempre governou o BNG. Em questom de meios e material, a ajuda foi, até o momento, aceitável, mas o BNG mostrou reticências frente a algumhas actividades promovidas por Aturuxo em que a dissidência com o nacionalismo oficial era demasiado palpável.

Qual foi o vosso maior sucesso como centro social?
A nossa apertura como local social já foi todo um éxito, somos o primeiro local social autogerido do Barbança. Também o de propôr umha alternativa real e poder realizar actividades cada certo tempo. De momento podemos estar orgulhosos de termos criado certo conflito, de visibilizar a disidência e, a partir de aqui, poder trabalhar com novas propostas de construçom reais. Oferecemos um espaço de formaçom individual e colectiva através do trabalho diário.

Criastes umha rede social no Tuenti. Qual é a finalidade?
A funçom do blogue é, sobretodo, termos um espaço na rede onde todo o mundo poida ter informaçom sobre o nosso projecto, que é Aturuxo, quem somos… informar das actividades que realizamos no nosso local… Com respeito ao das redes sociais, a mim pessoalmente nom me agradam muito, mas sendo realista é umha possibilidade com a que, à hora de promocionar umha actividade, chegas a muitissima mais gente. A experiência demonstra-nos isso.

Tempos de crise, tempos de riso

CARLOS SANTIAGO

Dizia um grande mestre que a cultura é o desporto da classe média. O tal mestre era o Alberto Pimenta. Bom, ainda é. É um poeta que sempre riu da crise e ainda ri. Propriamente ele ri-se da crise, com licença reflexível, porque a crise dá para rir a pouco que se pense. A crise estoura o riso porque não é crise. Propriamente a crise, no canto de crise, é um riso. O riso que é a crise é aliás um riso crítico, porque o ser crítico é o próprio da crise embora ser rico não seja o próprio do riso. O ser próprio do riso é o ser risonho, um sonho daqueles que sempre acabam ás gargalhadas. Sonhar com ser rico também pode fazer com que o riso estoure e mesmo ser sonho de acabar em gargalhadas, como por outro lado é frequente em tempos de crise.

Mas falávamos da cultura e não da crise. Vamos a isso, que é outro tipo de riso. A cultura, em geral, é uma entidade que estoura ou não estoura o riso em função da função e do funcionário. Há funções que querem estourar o riso e não estouram e funções que sem quererem estourá-lo também o estouram. No entanto, a cultura não costuma ser uma entidade previsível e por isso os funcionários dão-se mal com ela. Eles, os funcionários, não têm maneira de saberem à partida se a função irá estourar ou não estourar todo o riso preciso para o correcto funcionamento das coisas. A maneira dos funcionários encararem a sua função pode ser motivo de riso, é certo, mas não se lhes pode fazer conta. A função de que são responsáveis não é a mesma função que faz com que sejam funcionários. Há bons funcionários que assistem às funções e rim muito e maus funcionários que não dão por isso e cumprem a sua função sem um mau sorriso. Seja como for, os funcionários podem rir da crise porque têm a sua função assegurada e isso, podendo estourar o riso, nem é bom nem é mau em si próprio. Em si próprio isso só dá para um sorriso.

A classe média gosta de desporto. É a sua cultura. Também gosta de televisores e secadores do cabelo. As coisas de que gosta a classe média são infindáveis. Para conseguir todas as coisas infindas de que gosta, a classe média gosta também de hipotecas. A hipoteca, propriamente, é a coisa de que a classe média mais gosta, porque a pode trocar por qualquer outra coisa de que goste, carros, casas, umas férias no Mar Egeu ou um televisor positrónico para ver Olimpíadas e Eurocopas. É a sua cultura, o seu desporto. Por esta razão, os funcionários que se ocupam da cultura, ocupam-se com frequência também do desporto. No que diz respeito à cultura e ao desporto, os funcionários querem sempre ter a coisa sob controlo. Sabem que a classe média está a olhar do sofá e que pode desatar às gargalhadas em qualquer momento, em função de como eles, os funcionários, cumpram a sua função. Mas a cultura, sendo o desporto que ela é, é uma entidade imprevisível, já foi dito, e nem sempre os funcionários conseguem manter o comando da coisa. Quando há crise as hipotecas encarecem e, isso é coisa de que a classe média não gosta mesmo nada. Por isso não há crise, porque a crise faz estourar o riso, o qual é completamente contraditório com a carestia das hipotecas, que não faz estourar riso nenhum. A crise é dos ricos, que também rim muito. Rim tanto da crise que executam as hipotecas para que a crise a paguem outros e eles possam curtir a prazer com toda a risada da crise. Se calhar já não há luta de classes, há só a luta dos risos e isso é o crítico, viver neste estado das coisas em que tudo está para estourar.